LEVY KLEIMAN
apresenta em



CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

"Sinhá Moça" um instante da campanha abolicionista .... 4, 5 e 6
Leo Genn tornou-se ator por acidente 11
Ginger Rogers casou-se com Jaques Bergerac .... 18 e 19

CINE-ROMANCES

Francis na Academia 12
Fiacre n.º 13 14
Direito de Nascer .... 16 e 17

SEÇÕES PERMANENTES

Estréias no Mundo do Cinema 7
Telas da Cidade .... 8 e 9
Notícias e Comentários do Cinema Nacional — Bilhetes de São Paulo — e Atrás das Cameras 10
Cine-Mundial 13
Hollywood Boulevard 15
Cena Responde e Cine-Crítica do Leitor 20

RÁDIO

REPORTAGENS ESPECIAIS:

Mais um filho de Paulo Roberto .... 21, 22, e 23
Luiz Brunini, foi de "boy" a diretor .... 25 e 26
Ruth Amaral contraria os derrotistas .... 27 e 28
A "Cachaça" revolucionou os meios musicais 29

SEÇÕES PERMANENTES

Comentário: "Os falsos cartazes" por Otto Corrêa 3
Disse-me-disse, daqui-dali-dacolá, pontos de vista e vale a pena saber 24
Sintonizando e Rádio-Social .. 33

RÁDIO-NOVELA

As Rosas de Maria Angélica — de José Fernandes ...... 31 e 32

MÚSICA POPULAR

Para Você Cantar 30

COMENTÁRIO

OS FALSOS CARTAZES

ADORAMOS imensamente fazer reportagens com artistas que realmente sabem dar valor e atenção ao trabalho do cronista especializado. Detestamos — é o têrmo mais adequado — ter que falar com astros — e que astros, leitores! — que vivem tresandando a cabotismo e outras coisas pouco recomendáveis em que, verdadeiramente, deseja ter seu nome difundido por todo o Brasil, quiçá pelo estrangeiro, depende, naturalmente, da penetração do órgão divulgador. O que nos deixa mais embasbacado ainda, é a falta de senso de alguns que se intitulam de PRODUTORES RADIOFÔNICOS e que, ao final das contas, não sabem equiparar as funções respectivamente, ou seja imprensa-rádio. Êles precisavam saber que cada um é rei na sua profissão: se êle conseguer fazer o radiouvinte rir durante alguns minutos, nós o prendemos às suas fotos e a fatos de sua vida que, temos que dizer, não fôssemos nós, nunca viriam à publicidade. Presenciamos um fato que é um grande exemplo para citarmos neste comentário. Em um de nossos últimos números estampamos uma reportagem com um certo produtor da Nacional. Por sinal, um elemento muito conhecido. Um dia dêsses fomos à E-8, à procura de um rádio-ator que focalizaríamos mais tarde, acompanhava-nos o respectivo e necessário fotógrafo. Quando atingimos o 22º andar, deparamos com o outrora focalizado. O fotógrafo, muito alegremente, perguntou-lhe:

— Como é? Viu o negócio?

E o grande produtor radiofônico respondeu, muito a contra gôsto:

— Vi, sim... mas não saiu tudo...

E retirou-se, apressadamante, em direção ao bar.

Tivemos ímpeto de nos dirigir ao dito cujo e explicar-lhe alguma coisa, como por exemplo, dizer-lhe que o fotógrafo pode fazer oitenta e nove fotos e não aproveitar uma só apenas. Naturalmente, o mocinho queria que nós dedicássemos uma edição inteirinha à sua augusta e famosa pessoa. Assim como êle, já temos uma rádio-atriz no index de nossas futuras coberturas. Se êles estivessem em um país estrangeiro, nem todos, é verdade, não teriam a publicidade que lhes dispensam os nossos órgãos especializados, pôsto que lá teriam que chegar ao balcão e deixar algumas notinhas de mil pela publicidade em tôrno de seus nomes; mas cremos que talvez não o fizessem, porque são verdadeiros rochedos, dos quais nem pobre arranja níquel. Mas, infelizmente, tudo no Brasil é de graça. Não somos reis de nenhum país, ainda não estamos com o rei atravessado à garganta, mas, que diabo, devemos ser tratados e compreendidos como amigos e como sinceros propagadores do valor artístico dos que, graciosamente, focalizamos em nossas páginas. Vamos esperar que as flores brotem das pedras...

OTTON CORRÊA

NOSSA CAPA

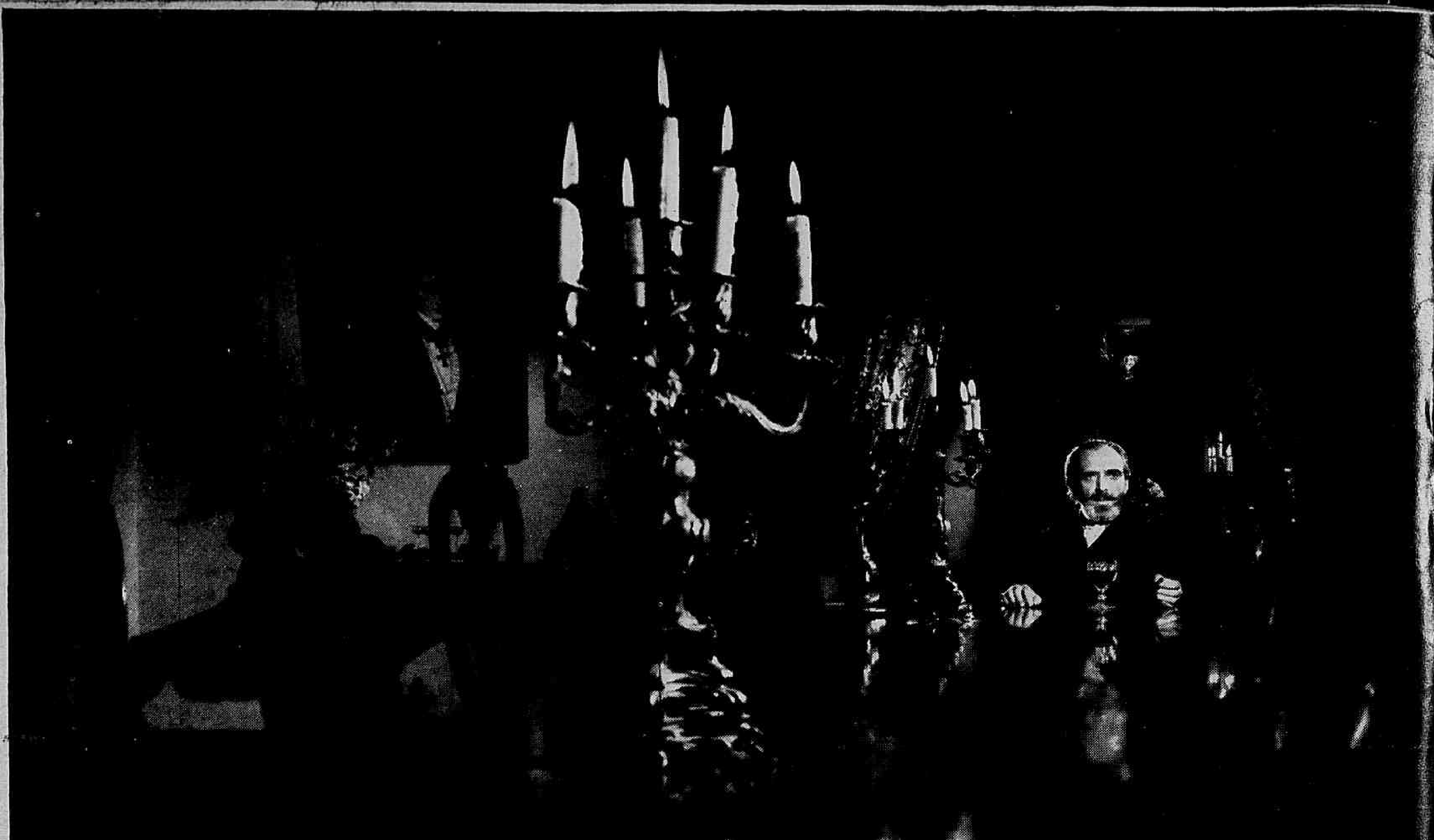
Farley Granger, que veremos brevemente como um diretor de ballet no filme "Hans Christian Andersen" e que filma no momento um dos episódios de "Three Love Stories" com Leslie Caron, é um dos jovens atores de futuro da novel constelação de Hollywood.

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor *Gratuliano Brito* — Assistente *Renato de Alencar*
Publicidade: *Severino Lopes Guimarães*
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil
TELEFONES:
Redação 22-4447
Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602
Endereço Telegráfico: "REVISTA"
Representante nos Estados Unidos da América no Norte: Dulce Damasceno de Brito, Hollywood, 28. Califórnia.
EM S. PAULO:
Distribuição e Venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 69. Telefone: 34-1569.
Publicidade: J. Gomes Bastos. Praça Ramos Azevedo, 209 — Salas 704-705.

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00



"SINHÁ MOÇA"
UM INSTANTE DA CAMPANHA ABOLICIONISTA

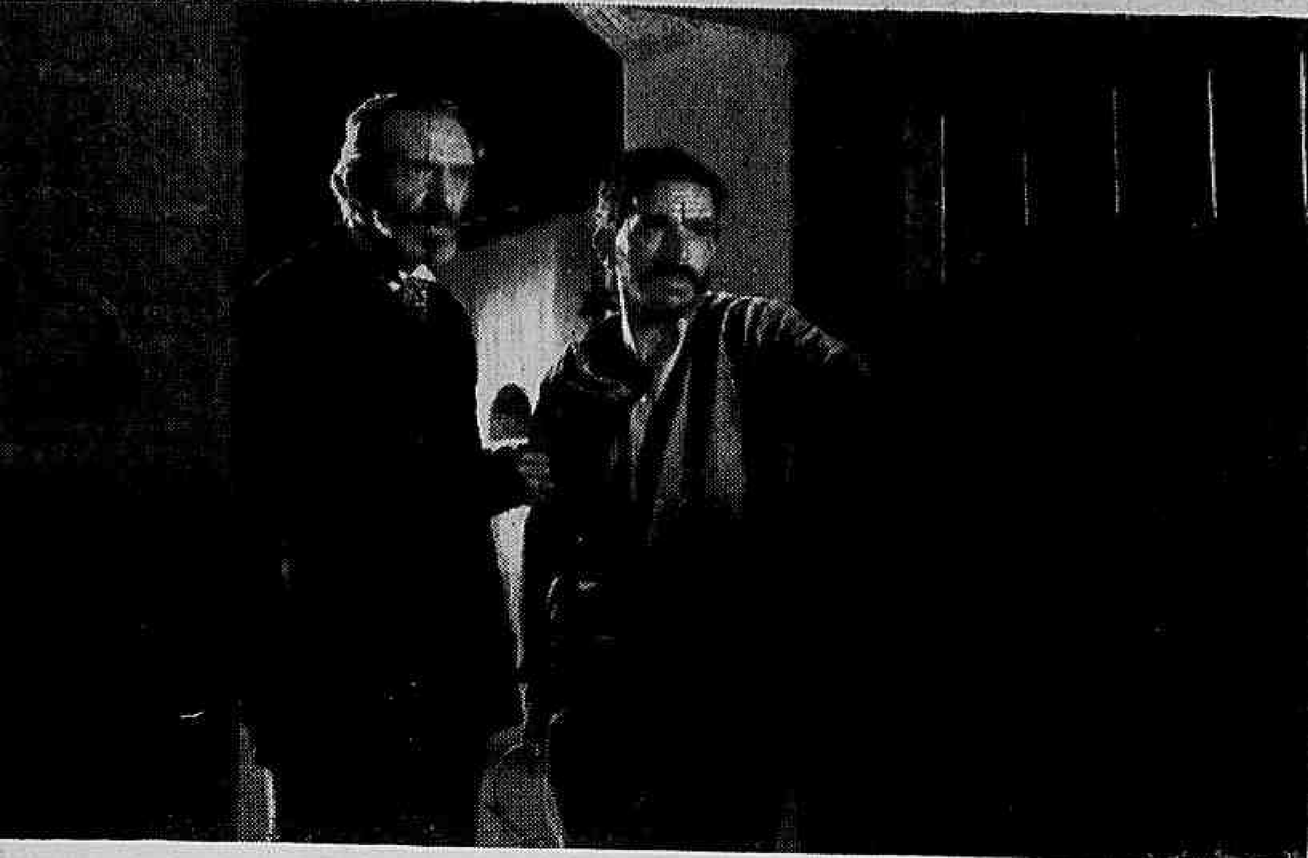
Notável trabalho fotográfico de Ray Sturgess em «Sinhá Moça» focalizando José Policena, uma revelação de ator



O terceiro lançamento da Vera Cruz. em princípios deste ano será "Sinhá Moça", um filme de época, retratando um momento da campanha abolicionista no Brasil. Eliane Lage, a rainha do Cinema Nacional, e Anselmo Duarte — o inesquecível galã de algumas das melhores producões nacionais — aparecerão juntos em "Sinhá Moça", secundados por Ruth de Souza, premiada por sua atuação em "Terra é sempre terra" e que acaba de regressar dos Estados Unidos, onde fêz um curso de arte dramática; José Policena, uma revelação de ator; Marina Freire, do Teatro Brasileiro de Comédia; Ricardo Campos, um dos melhores coadjuvantes da Vera Cruz e mais um grande quadro de intérpretes como Eugênio Kusnet, Lima Neto, Ester Guimarães, Labiby Madi, Vicente Leporace e centenas de figurantes.

←

John Payne, diretor do filme, faz a última revisão numa cena filmada em uma estação quando da partida dos Soldados



Dois excelentes intérpretes de «Sinhá Moça»: José Policena, à esquerda, e Ricardo Campos, à direita, que vem de cumprir excelente papel em «Cangaceiro»



Anselmo Duarte tal como aparece na nova produção da Vera Cruz

A EQUIPE DE "SINHÁ MOÇA"

Tom Payne, que dirigiu para a Vera Cruz "Terra é sempre Terra" e "Ângela", é o diretor de "Sinhá Moça" e Oswaldo Sampaio, diretor associado, que já emprestou sua colaboração, como argumentista e assistente, a diversos filmes da grande companhia paulista. Ray Sturgess, o famoso operador de "Hamlet', é o diretor de fotografia de "Sinhá Moça", uma película que vai se impôr como um dos filmes de maior beleza plástica já rodados no Brasil. Edgar Batista Pereira, vice-presidente da Vera Cruz, é o produtor e Henrique Zepellin o gerente de produção. João Maria dos Santos criou a cenografia.

A HISTÓRIA

O argumento de "Sinhá Moça" foi estraído do livro do mesmo nome, de autoria de Maria Dezone Pacheco Fernandes. O roteiro cinematográfico foi feito por Fabio Carpi, com diálogos de Guilherme de Almeida e Carlos Vergueiro, tendo ainda colaborado no roteiro cinematográfico Maria Dezone Pacheco Fernandes, Edgar Batista Perei-

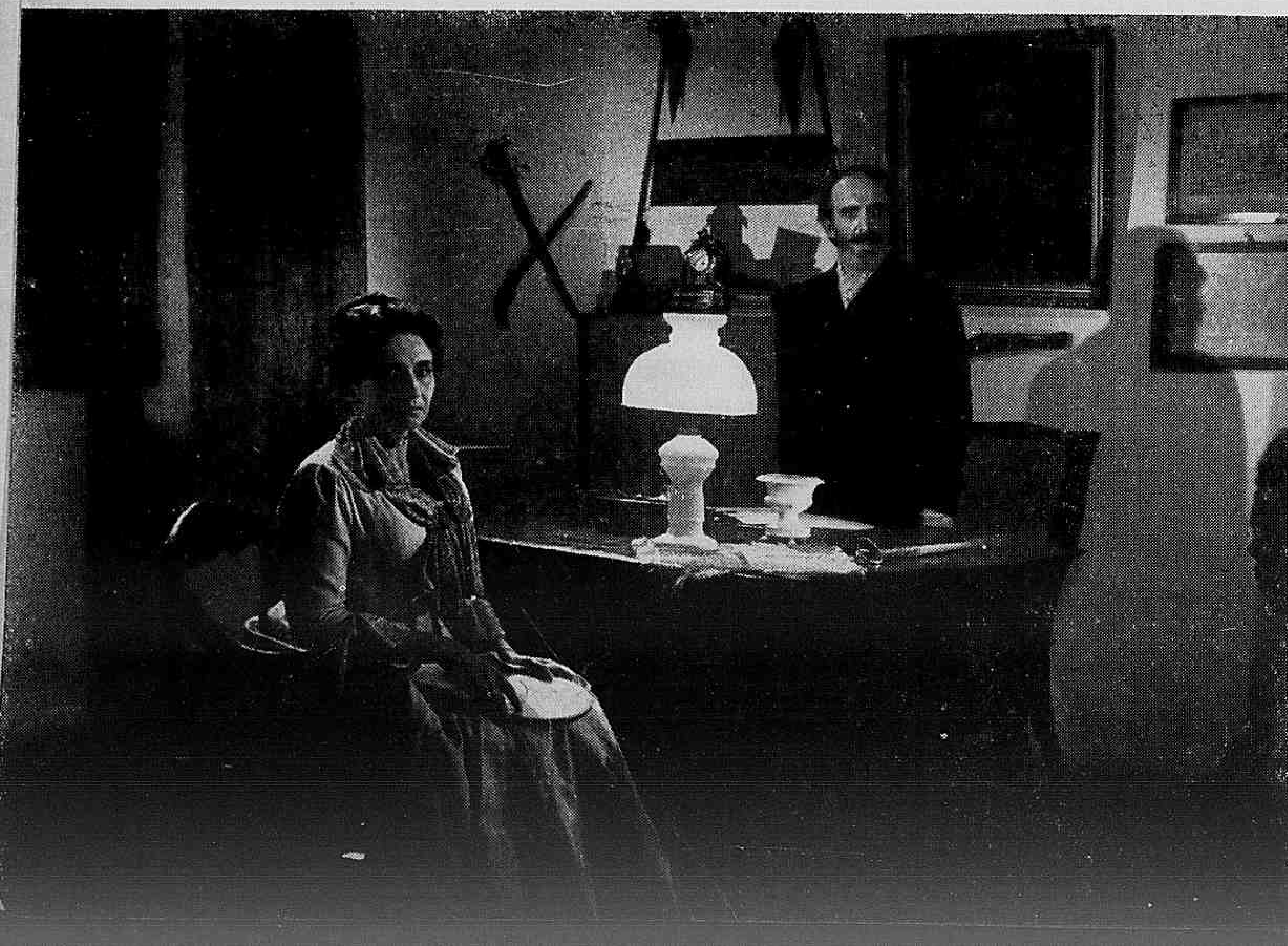
Eliane Lage num instante de «Sinhá Moça»





Um flagrante do tempo da escravidão, a surra de chicote

José Policena e Esther Guimarães num ambiente da época da abolição



ra, Tom Payne e Oswaldo Sampaio.

A história de "Sinhá Moça" retrata os dias agitados que precederam a abolição da escravatura no Brasil. Sinha Moça (Eliane Lage) chega a Araruna, sua cidade natal, no mesmo dia que Rodolfo (Anselmo Duarte), jovem advogado. Sinhá Moça revela-se uma adepta do abolicionismo e intervém de tôdas as formas junto ao coronel Ferreira (José Policena), seu pai, ora pedindo indulto para os escravos evadidos, ora estimulando a campanha subterrânea dos abolicionistas da vila. E Rodolfo é tomado por todos como sendo um escravocrata.

A vida na senzala, o trabalho do eito, as cenas de açoitamento e caça aos escravos fujões, o rigorismo dos capitães de mato e depois a fuga de uma senzala inteira de escravos, marcam alguns lances de intensa dramaticidade no desenrolar da história de "Sinhá Moça".

Mas os escravos que fogem varando a mata virgem, são aprisionados e seus chefes vão a julgamento. E' então que Rodolfo (Anselmo Duarte) revela-se ardoroso abolicionista, funcionando como defensor dos evadidos. O filme termina no momento em que Rodolfo faz a defesa dos réus, no dia em

(Cont. na pág. 34)



Um momento dramático de «Párias do Vício», uma vigorosa produção da Fox, com Anne Baxter, Miriam Hopkins. Cameron Mitchell, Dale Robertson e Barbara Bates

ESTRÉIAS no MUNDO DO CINEMA

PÁRIAS do VÍCIO

"THE OUTCASTS OF POKER FLAT" (Párias do Vício) — Fox

Um dos contos clássicos da literatura americana é certamente "The Outcasts of Poker Flat", de Bert Hart. Com o título em português de "Párias do Vício" e sob a direção de Robert Newman, essa página de ficção foi levada agora ao cinema.

O conto é uma terrível acusação aos puritanos que dominavam as pequenas cidades do oeste americano, no século passado. Escudados em seus princípios, os puritanos moviam uma perseguição terrível contra as mulheres, os jogadores e os vagabundos, chegando mesmo a matá-los em várias ocasiões. Naquela época, êles não consideravam os párias de uma sociedade que mal nascia, como sêres humanos e os vícios e defeitos dessa mesma sociedade não eram considerados pelas então legiões de decência, como frutos de uma desorganização social.

E a história escrita por Bert tem início quando um jogador, uma mulher e um ladrão e sua espôsa e um bêbado contumaz são expulsos da pequena vila de Poker Flat, recebendo cada qual um cavalo e comida para alguns dias. Os proscritos saem da localidade, cada qual vivendo seu drama, menos o bêbado que se sente feliz pois essa era a primeira vez que possuía alguma coisa na vida, um cavalo.

Seguindo por uma longa estrada, deverão ter às montanhas, após o que encontrarão outros caminhos. Quando alcançam a encosta da serra, uma tempestade os obriga a parar e a se refugiar. Começa, então, o grande momento do conto. A esta altura, o objetivo do autor é mostrar que os proscritos são sêres humanes injustamente perseguidos por uma sociedade falsamente pura e auto-suficiente.

PROGNÓSTICO: O conto de Bert Hart é matéria prima para um bom filme. Acreditamos que Robert Newman tenha sabido aproveitar seus pontos culminantes, cujos personagens são vividos por Anne Baxter, Hiriam Hopkins, Dale Robertson, Cameron Mitchell e Barbara Bates.



Outra sugestiva cena de «Párias do Vício», com Anne Baxter e Cameron Mitchell



Jimmy Stewart e Julia Adams

E O SANGUE SEMEOU A TERRA

(BEND OF THE RIVER)

Anthony Mann pertence ao grupo de diretores de Hollywood que pretendem salvar o gênero "western" dando-lhe novas formas. Como princípio fundamental, todos êles sabem que o gênero tem milhões de aficionados no mundo inteiro e que não adianta tocar nas bases do assunto. Portanto, tôda e qualquer reforma dêsses filmes têm que partir de uma melhor valorização de seus elementos formais, de um ângulo bem estudado, de uma encenação convincente, de uma minúcia explorada com eficiência e sobretudo do bom aproveitamento das belezas dos cenários naturais. Em "...E o Sangue semeou a Terra", Anthony Mann pôs em prática essa diretriz, pois, o filme vale pelo que *mostra* e não pelo que faça *sentir*.

Nesse filme, já se relega para um plano secundário a posição do índio e o ponto de referência da história está ligado aos incidentes por que passa um bando de colonos do Oregon, suas ambições e lutas.

Como primeira figura do elenco está o velho James Stewart Êsse artista fêz uma vez o papel de um rapaz apalermado em "Ouro no Céu" e nunca mais saiu dessa pele, nem mesmo agora que êle encarna um "bad-man". Julia Adams, Arthur Kennedy e Lord Nelson são os demais secundantes.

Filme realizado com meticulosidade artística. Mas as situações são as mesmas de todos os "westerns".



Julia Adams, Arthur Kennedi e Jimmy Stewart

TELAS DA

O GUARANY

"O GUARANI"

Representando um esfôrço de aproximação cultural entre o Brasil e a Itália, "O Guaraní" teria sido uma interessante realização se o processo de dobragem para o português não a tivesse botado a perder. Qualquer pessoa de mediano bom senso teria preferido a fita falada em italiano e com subtítulos, a vê-la recitada — e mal recitada — pelo pessoal da embaixada brasileira em Roma e a acompanhar, não sem dificuldade, a pronúncia fortemente lisboeta do ator Antonio Vilar. Saiu, pois, um filme desigualado entre a expressão cênica e as falas que dariam vida, mas o que fazem mesmo aqui é matar todo e qualquer movimento mímico dos artistas. Por isso, "O Guaraní" redundou num filme sem alma e sem o vigor, já não dizemos biográfico, mas pelo menos episódico que se fazia necessário. O argumento, que foi bem definido em suas linhas gerais — a luta romanesca de um rapaz pobre para conquistar a glória artística no maior centro musical do mundo — foi mal acentuado nos detalhes e com isso desperdiçou-se o melhor. Entretanto, abstraindo-se essas incorreções que não teriam escapado das mãos de um diretor mais responsável, temos em frente a nós uma obra louvável e merecedora de franco apoio. Na formação da mentalidade artística brasileira e em sua busca para plasmar um denominador comum de cultura nacional, a obra de Carlos Gomes constitui uma das tentativas mais positivas. Nada mais justo que aplaudamos essa realização pelas intenções com que foi levada a efeito. Só lamentamos que não tenha sido aprimorada em sua feição técnica, que não tenha fixado com maior firmeza o gênio musical do nosso insigne compositor e que as liberdades tomadas com a romanceação de sua vida tenham sido excessivas.

Na parte interpretativa a melhor figura do elenco é Mariella Lotti que conseguiu superar as confirmações de seu papel. Giana Maria Canale está tão medíocre como a pessoa que fala por ela. E Antonio Vilar, o protagonista, não foi um Carlos Gomes ideal, mesmo porque seu tipo está em perfeito desacôrdo com o Gomes que conhecemos desde os bancos primários e que, de resto, é tão familiar a qualquer brasileiro.

(Cont. na pág. 34)



Antônio Villar no papel de «Carlos Gomes»

FEITIÇO do AMOR

(WEEK-END WITH FATHER)

E' a segunda comédia familiar que vemos nesta semana onde o interêsse do assunto concentra-se na ingenuidade do mundo das crianças. Patricia Neal e Van Heflin são dois viúvos que, fortuitamente, se conhecem quando tratam de levar os filhos para uma colônia de férias. Patricia tem dois filhos e Van Heflin, duas filhas. A identidade de condições faz com que um se interêsse pelo outro e — no plano infantil — os meninos pelas meninas e vice-versa.

A comédia está entremeiada de situações leves e deliciosas. Gigi Perreau está perfeita como a menina que pretende apresentar-se como mocinha. O diretor Douglas Sirk sabe como lidar com crianças e tirar ótimos proveitos de sua naturalidade e espontaneidade.

"Feitiço de Amor" é um filme divertido onde a homogeneidade dos intérpretes casa-se com precisão com a leveza do assunto. Como principais figurantes destacam-se Patricia Neal, Van Heflin, Richard Denning, Gigi Perreau e Virginia Field.

CIDADE

LÍVIO DANTAS

ANGÚSTIA de UMA ALMA

(SO LONG AT THE FAIR)

Como primeira qualidade dêsse filme inglês detaca-se o trabalho de Jean Simmons. Das jovens atrizes do cinema, Jean é talvez a de maior senso dramático. Em "Angústia de uma Alma" a sua presença está de ponta a ponta e é graças a sua interpretação que a atmosfera de mistério, que preside ao desaparecimento de seu irmão de um hotel de Paris, consegue se impor.

A segunda coisa boa de "Angústia de uma Alma" é o seu ritmo que aqui não se desenvolve tão lentamente como é peculiar do cinema britânico, nem é, por outro lado, o ritmo sincopado dos filmes americanos. A história se passa com um desenvolvimento natural e aí entra muito da maturidade artística a que já chegou o cinema inglês.

A história é de uma argúcia fora do comum. Dois irmãos inglêses, um rapaz e uma moça, vão a Paris para presenciar a Grande Exposição que acon



Jean Simmons e Dirk Bogard, em «Angústia de uma alma»

teceu nos fins do século passado. Lá chegando, hospedam-se num hotel de luxo. Em condições misteriosas o rapaz desaparece do hotel sem deixar nenhum vestígio de sua passagem pelo mesmo, inclusive o próprio quarto que ocupou que deixou de ter a antiga numeração e de existir como tal. Sem elementos convincentes para provar que alí chegara com seu irmão, Jean Simmons passa por angustiosos momentos diante da obstinação dos hoteleiros em ignorar completamente, em defesa de seus interêsses, a pessoa do rapaz. Já nas últimas sequências do filme, dá-se a solução que é de um efeito muito mais trágico do que se fôsse um crime, como o público é levado a pensar O irmão tinha sido atacado sùbitamente de peste-negra e recolhido, em condições misteriosas, para um hospital. Como se vê, o filme é interessante sob vários aspectos e quase que não temos restrições a fazer em seu cômputo geral.



Gigi Perrau, Van Heflin e Virginia Field, em «Feitiço de Amor»



John Lund e Joan Fontaine, em «A Mulher que não pecou»

A MULHER QUE NÃO PECOU

(DARLING, HOW COULD YOU!

Da peça "Alice Sit by the Fire" de James M. Barrier, Mitchall Leisen, que é um especialista em comédias familiares, fêz êsse agradável "A Mulher que não pecou" que, sendo cinema, tem também muito de teatro, talvez mesmo mais de teatro que de cinema. Sente-se claramente que o diretor não quís dilatar o texto teatral, como é um velho costume, com tôdas as liberdades que o cinema permite. Aquí, o jôgo cênico é o do palco. A posição de focalização da câmara é precisamente a distância média do espectador em relação à ribalta. E as expressões e movimentações dos atores — sobretudo de Joan Fontaine — são evidentemente expressões e movimentos teatrais. Longe de ser um fator negativo na qualidade do filme, essa passagem quase

(Cont. na pág. 34)



Pedro Armendariz e Maria Felix, em «Maclovia»

MACLOVIA

Não sentimos nenhum embaraço em usar aqui a expressão "obra-prima". Pois obra-prima é o que é, em seu **substractum** poético e em suas formas pinturescas, êsse "Maclovia" que será certamente um dos pontos de referência não sòmente do cinema mexicano, mas da história de uma arte que há meio século vem empolgando a humanidade. Antes mesmo de ser a apoteose da técnica da iluminação e da fotografia, "Maclovia" é a feliz captação de um momento da poesia que, aqui, passou para o cinema com uma pureza de imagens a um tempo bárbara e sublime. Cinema é muito mais sentimento que concepção intelectual, muito mais emoção que raciocínio. E um filme será tanto melhor à proporção em que souber comunicar aos espectadores as mesmas emoções vividas na tela. Fiel a êsses princípios, "Maclovia" é um filme essencialmente comunicativo, tanto pelo espírito da lenda que lhe serve de argumento, como pelas figuras humanas e fundo paisagístico que os mexicanos, em boa hora, revelam ao mundo. Estamos diante de uma obra em que o predomínio da imagem é absoluto e a sua colocação dentro de um jôgo estudado de luz e de sombra de tão profícuos efeitos plásticos, nos dá, por vêzes, a perfeita ilusão da terceira dimensão. E como se não bastassem a profundidade poética do filme que Emilio Fernandez soube captar tão bem e a vigorosa expressão em têrmos visuais de que foi responsável Gabriel Figueiroa, há ainda a ressaltar a música de fundo de Antonio Diaz Conde, associando-se, menos funcionalmente que como um prolongamento natural da imagem, à idéia geral do filme. Como momento supremo da partitura musical, está o canto de velhas e crianças no dia dos mortos, magnífico em suas dissonâncias, em sua rudeza e em suas linhas de côro gregoriano.

(Cont. na pág. 34)



Aurora Duarte a bela pernambucana, descoberta por Cavalcânti, para um dos papéis de o «Canto do Mar», a primeira produção da Kino Filmes, rodada em Recife

Notícias e Comentários do Cinema Nacional

Por JUSTUS

Foram finalmente aprovados os regulamentos referentes a organização do Festival de Cinema a realizar-se em São Paulo em 1954, e igualmente foi aprovado o anteprojeto do decreto que cria a Comissão permanente dos Festivais que porventura venham a ser realizados em nosso país.

★

Parece que a coisa agora vai ou racha. Noticia-se que o titular da Delegacia de Costumes e Diversões está elaborando um novo regulamento para a sua repartição. Destaca-se a parte referente aos cinemas da metrópole. Com o intuito de remover as irregularidades concernentes, o excesso de lotação, e mais ainda aos espectadores que quando estão empolgados pelo desenrolar de um bom filme, perdem a linha por completo, e cometem as mais graves faltas de um ser civilizado (gritos, assobios, proferindo palavras de baixo calão e até mesmo pornográficas). Enfim a êstes indivíduos que nem ao menos respeitam as senhoras presentes, terão de agora em diante um excelente corretivo por parte das nossas autoridades. Esta medida já vem tarde.

★

Acaba de ser fundado no Rio de Janeiro, mais um Fan Clube desta feita dedicado aos fãs, de Miro Cerni, galã contratado da Vera Cruz e a francesinha Josette Bertal. Deve-se esta iniciativa as duas ardorosas fãs de cinema que se chamam Alice Lopes e Vera Amarantes. Os pedidos de inscrição poderão ser feitos à Rua Sete de Setembro, 135 — 2.º andar. Sede provisória.

★

O cinema Brasileiro está sendo preterido. Tal fato prende-se as soluções urgentes que estão sendo elaboradas na Câmara dos Deputados, com relação a Coréia, os Flagelados do Nordeste. E os flagelados do cinema brasileiro perguntam ao Deputado Brígido Tinoco, em que pé está o projeto do Instituto de Cinema, que viria sem dúvida por um "happy end" neste conflito em que estão vivendo milhares de trabalhadores da nossa incipiente indústria.

★

Parabéns a "Valfilmes" e aos seus dirigentes. Pois aquêles rapazes parece-nos que acertaram em afirmar que a sua linha de programação, prende-se a uma série de filmes condizentes com as atuais condições econômicas e técnicas do cinema nacional, e finalmente histórias bem brasileiras.

ATRÁS DAS CAMERAS

Por MR. TAKE

A «bomba» do casamento de Anselmo Duarte com Ilka Soares, causou no beco do inferno, um inferno de conjeturas. E numa rápida enquete entre os maiorais daquela praça de cinema, mais famosa que Beverly Hills, chegamos à conclusão de que aquela notícia não passa de mais um golpe de publicidade da prezada Vera Cruz.

★

E por falar do beco do inferno, aqui vão as últimas notícias que correm de bôca em bôca pelos corredores obscuros. Ouvimos: «Êsse negócio de dizer que por falta de cambiais, não chega fita nova, é chute, pois temos tantas fitas boas de procedência estrangeira à espera de uma oportunidade para lançamento que daria para sustentar o nosso mercado até o dia 31 de dezembro de 1953.

Samuel Markenson pretende passar a ser exibidor ao invés de diretor-produtor como antigamente.

★

Um crítico (?) carioca, deitou a culpa em Oscarito por ter pronunciado errado «Frinéia» por Prinéia. Oscarito saltou e disse: a culpa não é minha, é dos dirigentes do filme. Enfim como tudo estava em liquidação, como salvados do incêndio, produtor, diretor e argumentista, estúdio e tudo mais, Oscarito por essa escapa.

★

Por falar em «Carnaval Atlântida», é curioso assinalar, que em S. Paulo o Juiz de Menores proibiu a dita fita para menores de 18 anos. Mas sr. juiz, a portaria deveria ser outra: «Proibida para Maiores de 18 Anos»...

BILHETES DE SÃO PAULO

por ALBERTO DINES

O "TERRÍVEL": Lima Barreto que presentemente se encontra no Rio anda preparando uma nova "revolução que deixará os japonêses e Rasho-Mon quilomètricamente longe". Trata-se de um argumento escrito por êle com três personagens sòmente: um homem, uma mulher e um cachorro. Ruth de Souza é a intérprete que Lima pretende escolher. Nada se sabe ainda sôbre o galã e o cachorro. Soubemos também que Lima possui entre "outros 90" um argumento que tem como superproblema a mecanização da agricultura e como conflito os choques sociais, econômicos e humanos que ela traz.

★

PROPOSTA: Ferenc Fekete, o fotógrafo de Cavalcânti em "Simão" foi convidado por Luís Severiano Ribeiro para estudar um contrato de 12 filmes por ano que a Atlântida pretende pôr em prá-

(Cont. na pág. 30)

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA



Leo Genn e Gene Tierney, numa cena em «O Veleiro da Aventura»



Leo Genn, como aparece em «O Veleiro da Aventura»

LEO GENN TORNOU-SE ATOR POR ACIDENTE

DON CLAYWOOD



Ainda outra passagem de «O Veleiro da Aventura», agora com o notável ator britânico ao lado de Spencer Tracy

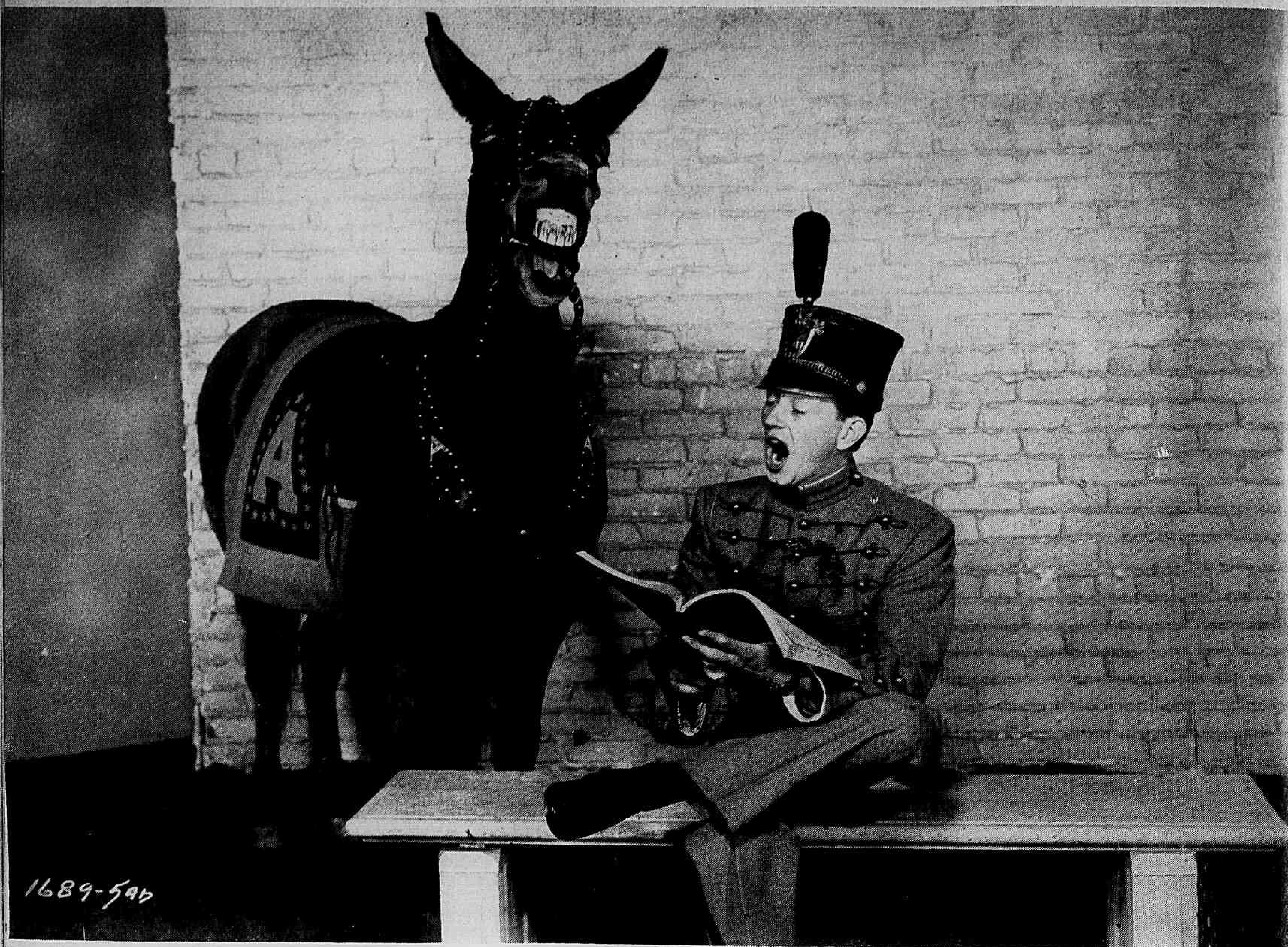
★

Leo Genn, que exercia as funções de advogado, fêz sua estréia dramática em "A Marriage Has Been Arranged", nos palcos londrinos, quando um de seus clientes, um produtor teatral, pediu-lhe para aceitar um dos papéis da aludida peça. Desde o momento em que o pano foi levantado, na noite de estréia, Genn resolveu abandonar a profissão das leis e continuar representando, seguindo dessa forma sua verdadeira vocação.

Desde então, durante quatro temporadas no Old Vic de Londres, Genn apareceu em cinco peças shakesperianas, bem como na "Santa Joana", de George Bernard Shaw. Na Broadway apareceu em "The Flashing Stream" e "Another Part of the Forest".

Nascido em Londres, Leo Genn freqüentou a Escola City of London e em seguida ingressou na Universidade de Cambridge. Após sua formatura, exerceu o direito em Londres durante vários anos, antes de ser persuadido a coadjuvar Brian Aherne em "Um Casamento foi Arranjado".

Papéis cinematográficos se seguiram a seus compromissos teatrais, inclusive em "Henry V", "The Wooden Horse" e "Mourning Becomes Electra". Genn obteve calorosos aplausos por seu desempenho de Petrônio no colossal "Quo Vadis?" da M-G-M. Seu último filme para aquêles estúdios é a produção em tecnicolor "O Veleiro da Aventura" (Plymouth Adventure), em que aparece ao lado de Spencer Tracy, Gene Tierney e Van Johnson.



Donald O'Connor e Francis

CINE-ROMANCE

FRANCIS na ACADEMIA



Lori Nelson e William Reynolds

(FRANCIS GOES TO WEST POINT)

Filme da Universal-International — Direção de Arthur Lubin — Guia conematográfico de Oscar Brodney — Baseada em "Francis, o Mulo que Fala" — Uma criação de David Stern — Produzida por Leonard Goldstein — Diretor de fotografia, Carl Guthrie, A.S.C. — Direção artistica, Bernard Herzbrun e Eric Orbom — Cenografia, Russell A. Gausman e John Austin — Som, Leslie I. Carey e Robert Pritchard — Direção musical, Joseph Gershenson — Editor gráfico, Milton Carruth, A.C.E. — Diretor de cenas adicionais, Jesse Hibbs — Vestuário, Kara — Penteados, Joan St. Oegger — Maquilagem, Bud Westmore — Artificios fotográficos, David S. Horsley, A.S.C.

ELENCO

Peter Stirling	DONALD O'CONNOR
Barbara Atwood	LORI NELSON
Cynthia Daniels	ALICE KELLEY
William Norton	PALMAR LEE
Wilbur Van Allen	WILLIAM REYNOLDS

Peter Stirling (Donald O'Connor) recebe de seu inseparável amigo "Francis" (O Mulo que Fala) a confidência de que um bando de sabotadores pretendem destruir uma fábrica de bombas atômicas. Peter denuncia o fato às autoridades, as quais — devido a que êle não pode justificar razoàvelmente o caso — não querem lhe dar crédito. Seguro da infalibilidade de seu amigo, não se dá por vencido e permanece nas proximidades do edificio, intercedendo de forma decisiva no instante em que os conjurados se dispõem a pôr em prática o sinistro plano.

Como prêmio, Peter é admitido na Academia Militar de West Point, onde comparte de um quarto com outros dois alunos: Wilbur Van Alle (William Reynolds) e William Norton (Palmer Lee). Por seu lado, Francis é nomeado mascote oficial da equipe de futebol que representa o Exército.

A vida estudantil de Peter é bastante dura, especialmente no que se refere à matemática e ao francês, mas a ajuda de Francis, resolvendo os mais intrincados problemas e praticando o idioma de Moliére coloca Peter na liderança das aulas. Também empresta seu valioso auxilio na aprendizagem da instrução; ordens e mais ordens, exercicios e mais exercicios, terminam por dar a Peter o sêlo caracteristico requerido aos que se dedicam ao exercicio das armas.

Francis não se limita a isso, mas também aconselha a Chad Chadwick (Otto Hulett), treinador do conjunto futebolístico, acêrca da forma em que deve instruir os rapazes e qual, exatamente, decidirá a luta empregando determinada jogada. Os triunfos se repetem para assombro dos que desconhecem o segrêdo.

Entre os três estudantes se estabelecem inseparáveis vinculos de amizade, pelo qual Peter conhece todos e cada um dos detalhes dos amôres de Van Allen e Barbara Atwood (Lori Nelson), assim como os outros ficam sabendo que Peter e Cynthia (Alice Kelley), filha do comandante de West Point, coronel Daniels (Les Tremayne), existe algo mais que simples simpatia comum entre dois jovens do sexo oposto.

(Cont. na pág. 30)

Cine Mundial

ESTADOS UNIDOS

No filme "Ininterrupted Melody", Greer Garson fará o papel de uma cantora que, por sinal, é a sua amiga Marjorie Lawrence. Havendo, pois, laços de amizade entre a biografada e a intérprete, é natural que Miss Garson se esforce para retratá-la da forma mais correta possível.

★

Em outro musical que se chamará "Moonlight Serenade", o cinema nos apresentará muito breve a figura de Glenn Miller, o famoso chefe de orquestra que morreu na II Grande Guerra e que será revivido na tela pelo apreciado ator Jimmy Stewart.

★

Hollywood já aderiu inteiramente aos filmes cognominados "3-D", ou seja, em três dimensões. Seguindo o exemplo de outros estúdios, a Warner realizará nesse sistema o filme "House of Wax". Quanto a Paramount que já tinha começado o filme "Sangaree" pelo velho sistema do cinema liso, ordenou ao diretor do mesmo filme que pusesse tôdas as figuras em relêvo...

★

Possivelmente Lana Turner será a protagonista de um filme a ser realizado na Europa e que se chamará "Nina", aproveitando as férias que por lá está tomando. Como companheiro de Lana, seriam indicados os nomes de Farley Granger e Ricardo Montalban.

★

Tyrone Power e Arlene Dahl serão os astros de "Bengal Rigle", um filme de aventuras baseado no romance "O Tibre de Bengala".



Num intervalo da filmagem de «City Beneath the Sea», na Universal, Robert Ryan e Mala Powers ouvem as últimas notícias de Hollywood num rádio de pilha que o «astro» leva sempre consigo



June Haver já se encontra no Convento das Irmãs de Caridade em Kansas, estudando àrduamente para receber os véus de noviça. Grande perda para o cinema; significativo presente para a Ingreja Católica!

Segundo a revista "Variety", êstes são os filmes que produziram maiores rendas, desde o nascimento do cinema: "E o Vento Levou" (26 milhões de dólares), "O Maior Espetáculo da Terra" (13 milhões), "Quo Vadis?" (10 milhões), "Os Melhores Anos de Nossa Vida" (10 milhões e 400 mil dólares), "Duelo ao Sol" (10 milhoes) e "Sansão e Dalila" (9 milhões).

★

Frank Sinatra terá a responsabilidade de um papel dramático no filme "From Here do Eternity".

URUGUAI

Ao contrário do que vinha se realizando há dois anos consecutivos, não haverá em 1953 o Festival de Punta del Leste. Em seu lugar, o govêrno uruguaio patrocinará, naquele balneário, um festival do cinema francês para o que serão convidadas figuras de destaque da cinematografia européia.

INGLATERRA

Entre os melhores filmes de 1952 selecionados e premiados pela "The British Film Academy", figuram "Uma Aventura na África", inglês; "Perdição por Amor" (Carrie), americano; "Los Olvidados", mexicano; "Milagre em Milão", italiano; "Rashmoon", japonês e o musical "Cantando na Chuva", americano.

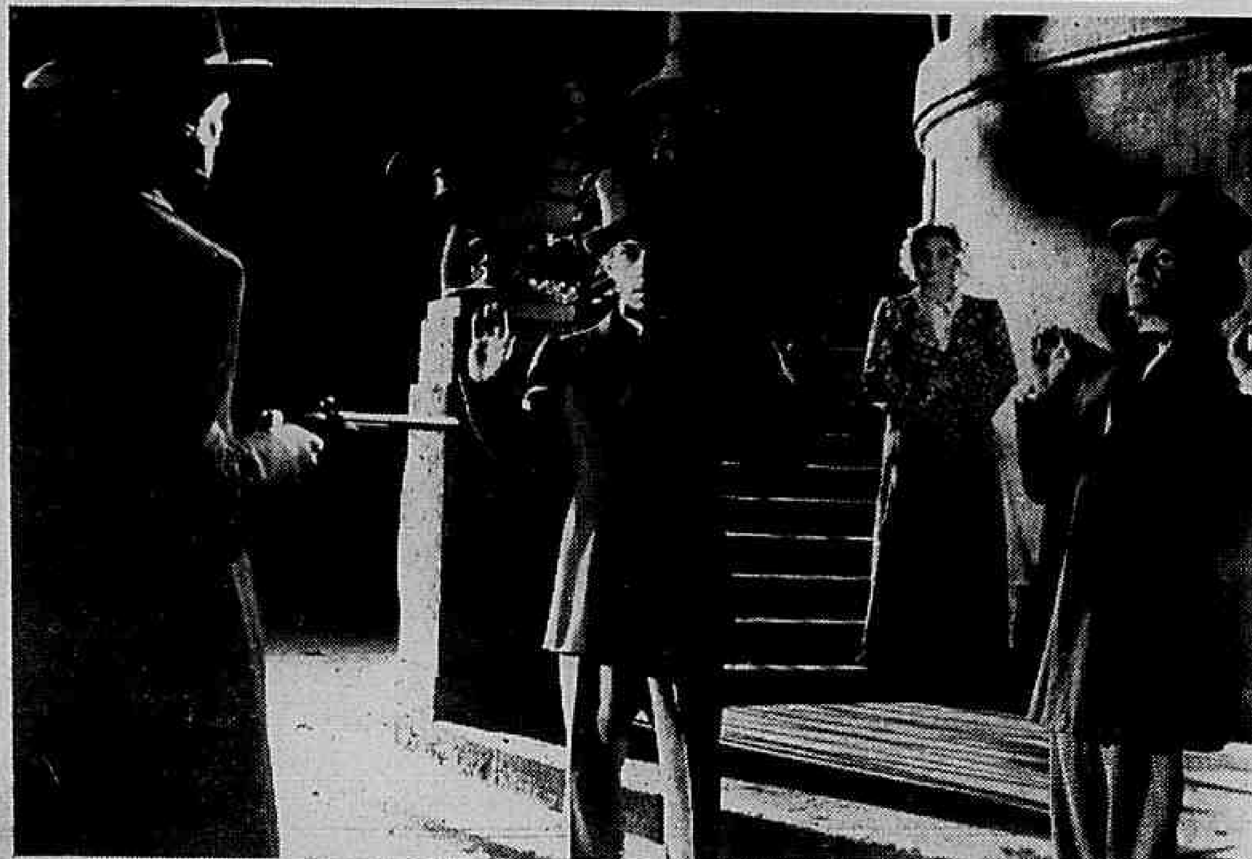
ITÁLIA

Notícias de Cecile Aubry para seus fãs. A francesinha está filmando em Roma "Dropped from Heaven", sob a direção de Leonardo Dmitri. Como o título do filme está dizendo (Caído do Céu), tudo leva a crer que a coisa caída do céu é mesmo a graciosa Mademoiselle Aubry...

ESPANHA

E' quase certa a participação do ator americano Errol Flynn no filme espanhol "El Burlador de Castilla" e que terá como figura feminina a "vedette" Amparito Rivelles. E como os atores de Hollywood estão presentemente demonstrando um incomum interêsse para filmar no estrangeiro, já se pensa também em Alan Ladd, para protagonizar nos estudios madrilenos "Los Pirineus están aqui"...









CINE-ROMANCE

"O FIACRE N. 13"

ELENCO:

GINETTE LECLERC	Claudia
MARCEL HERRAND	Jorge La Tour Vaudieu
LEONARDO CORTESE	André Loriot
ROLDANO LUPI	Kirched
VERA CARMI	Joana
VIRA SILENTI	Matilde Maroy
SANDRO RUFFINI	Thefer

Produção: EXCELSA FILM — baseada no romance de XAVIER DE MONTEPIN — Fotografia: J. STALLICH — Música: RENZO ROSSELLINI — Montagem: F. TROPEA — Direção: MARIO MATTÒLI

Uma apresentação da ART FILMES

SINOPSE

Estamos em Paris, na época do reinado de Napoleão III. Pelo domínio da política interna da França, degladiam-se o Ministro da Justiça e o poderoso senador Jorge La Tour Vaudieu. Dirigindo-se ao Ministério, após uma sessão agitada do Senado, o jovem André Loriot, assistente do ministro da Justiça, recebe em audiência a Sra. Berta Maroy, que se faz acompanhar de sua filha Matilde, a qual vem solicitar revisão do processo que condenou seu espôso à prisão perpétua, sob acusação de ter assassinado o tio. O jovem André, atraído pela beleza de Matilde, promete interessar-se pessoalmente pelo caso. Enquanto isto, o senador La Tour Vaudieu, manifestando temor pelo regresso à França de uma ex-amiga, Claudia, instrui seu capanga, Thefer, para que a vigie.

Rebuscando nos arquivos, André Loriot verifica que os autos do processo Maroy desapareceram. Intrigado, apela para a memória de um velho funcionário, que lhe narra, então, os fatos noticiados pelos jornais da época.

"— Um caso confuso... — começa o funcionário — um homicídio em Charenton, nos primeiros dias de maio de 1848. Paris estava linda...

A velha condêssa La Tour Vaudieu expõe a seu primogênito Felipe suas mágoas com relação à vida desregrada que leva seu outro filho, Jorge. Pressentindo sua morte próxima, diz a Felipe que lhe legou tôda a fortuna da família, deserdando Jorge, porquanto êste malbarataria sua parte em jogatinas. Avisa-o, mais, que paga a um homem chamado Thefer para vigiar o irmão perdulário.

Num clube de jôgo, Jorge, devido às altas dívidas contraídas, é convidado pelo gerente a retirar-se e a lá não mais voltar. À saída, espera-o um aventureiro, um canalha de luvas brancas, de nome Kirched, que, maneirosamente, oferece-se para desafiar o irmão Felipe num duelo e, assim, afastá-lo do caminho de Jorge. Sem nada responder, mas pondo no bolso o cartão do aventureiro, dirige-se Jorge para a loja de uma receptadora de furtos, Claudia, sua amante, e, lá, conta-lhe suas desventuras.

— Teu irmão atira bem? — pergunta-lhe Claudia, incisivamente — Tudo se ajeita... a sorte gira... vence-se, perde-se, trapaceia-se... Decidi que serias meu amante e o és... Se eu quiser que sejas rico... sê-lo-ás!

A velha condêssa La Tour Vaudieu falece. Felipe, herdeiro universal, vai a Charenton, ao encontro da mulher que ama secretamente — Joana — e da qual tem um filho ainda criança. Agora, sem o obstáculo da austera condêssa, vai, afinal, casar-se com ela. Aprestam os preparativos, pois as bôdas serão em Paris. Mas não podem levar o filho, e combinam deixá-lo, então, com o velho Dr. Maroy, que, com seu sobrinho Pedro, mora nos arredores, com a espôsa dêste, Berta, e a filhinha do casal, Matilde.

Todavia, os acontecimentos precipitam-se. Uma tenebrosa cilada é preparada entre a sensual e ambiciosa Claudia e o aventureiro Kirched, com o beneplácito do deserdado Jorge. Jean Jeudi, um ladrão vulgar que ama Claudia e que lhe vende os produtos de seus furtos, é incumbido de descobrir o paradeiro de Felipe La Tour Vaudieu. Chega à casa de Joana, em Charenton, no momento em que o casal vai partir para unir-se oficialmente em Paris. Vem a saber, assim, que Felipe tem um filho, e, mais, que o menino seria entregue, por alguns dias, aos cuidados do Dr. Maroy. Corre a Paris e informa Claudia; esta, por sua vez, avisa Kirched.

Chegando a Paris, o generoso Felipe procura o irmão para um entendimento definitivo. E dirige-se ao clube de jôgo onde sabe ser Jorge um "habitué". Provocado por Kirched, Felipe revida o insulto. Aproveita-se o aventureiro para jogar-lhe a luva ao rosto:

— Se é um homem de honra, receberá meus padrinhos! — grita Kirched para que todos os presentes o ouçam.

— Há pessoas a quem nada se concede, nem um tiro de pistola! — retruca Felipe, altivamente, retirando-se.

Contudo, a sorte de Felipe já fôra traçada, e um álibi é preparado para excluir Jorge do rumoroso caso. Jean Jeudi vai à casa de Felipe e informa-o falsamente que Jorge o espera na carruagem; mas, invês dêste, depara com Kirched, que, de pistola em punho, obriga-o a dirigir-se a um local onde já se encontram os padrinhos. Com a honra em jôgo, Felipe bate-se em duelo e é morto pelo infalível Kirched. Informado do resultado por Jean Jeudi, Jorge corre à casa de Joana, para comunicar-lhe a morte do irmão e, ao mesmo tempo, afastá-la dos acontecimentos. Ao saber da desgraça, Joana, conhecendo o temperamento do espôso, desacredita e acusa Jorge de fratricídio. Segue-se uma cêna violenta em que Joana, ao querer desvencilhar-se do cunhado, rola as escadas, derrubando um lampeão de querosene. Jorge abandona criminosamente o local, deixando Joana desfalecida entre as chamas que se propagam pela casa.

Todavia, há outro herdeiro a eliminar: o filho de Felipe e Joana. Disto encarregam-se Claudia e, a contragôsto, também Jean Jeudi. Ambos fretam um fiacre para levá-los à ponte de Charenton, por onde sabem que passará à noite o Dr. Maroy conduzindo o menino.

— Oh, viste? — diz, chistosamente, Jean Jeudi a Claudia — Fiacre n.º 13... temos sorte!

Chegados ao local, despacham o fiacre e esperam a passagem da charrete do Dr. Maroy. E' noite. Enquanto aguardam, Jean Jeudi manifesta seu nojo pela nefanda empreitada que Claudia o força a cumprir. Simulando encorajá-lo, ela lhe oferece um trago de aguardente, onde pôs um veneno lento; que o rufião engole. Eis que surge na estrada a luz do veículo do Dr. Maroy, do qual pouco antes saltara seu sobrinho Pedro. Claudia investe de pistola e mata o velho. Fugindo, grita para que Jean Jeudi apanhe o garôto e o afogue no Sena. Ao ouvir o disparo, Pedro Maroy acorre ao local e, ao debruçar-se sôbre o cadáver do tio, é surpreendido por gendarmes que patrulham as redondezas.

Jean Jeudi corre pela estrada, com o menino. Pouco mais adiante, depara com o fiacre n.º 13 parado, cujo cocheiro se ausentara para colher fôlhas de couve, numa horta à margem da estrada. Sobrevém-lhe a ação do veneno e, compreendendo o golpe traiçoeiro de Claudia, antes de cair exânime ao solo, deposita o menino nas almofadas do fiacre. De volta, o cocheiro, "pai Loriot", põe em marcha o veículo sem nada ter percebido, julgando ter sido o tiro desfechado por algum caçador noturno da região. Chegando em casa, sua mulher ouve o chôro da criança e, então, como não têm filhos, resolvem adotá-la.

Torna-se, pois, Jorge La Tour Vaudieu conde e herdeiro universal dos bens da família, tendo, mais, assegurado o pôsto de senador, na vaga de Felipe. Eis que vem procurá-lo um indivíduo que diz chamar-se Thefer e que o vigiava a mando da falecida condêssa. Jorge percebe que êle sabe do crime e, então, concorda em tomá-lo a seu serviço. Kirched é expulso da França; Joana, que se salvara do incêndio, perdera todavia a memória. Jean Jeudi sumira. Quanto a Claudia, é ela aconselhada a sair também do país.

(Cont. na pág. 34)

HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)

Os dois assuntos do momento na Terra do Cinema são: o casamento de Ginger Rogers com o jovem francês Jacques Bergerac (cuja cerimônia se realizou em Palm Springs) e o surpreendente gesto da encantadora June Haver, entrando para um convento em Kansas. Em entrevista há meses concedida à nossa reportagem, Ginger deixara transparecer seu grande amor por Jacques, mas ninguém esperava que se amarrassem pelos laços do matrimônio, devido a enorme diferença de idade. Quanto a June Haver, depois da morte do seu noivo — o dentista John Duzik — há três anos atrás, muita gente já esperava essa sua decisão, pois a jovem "estrêla" perdera totalmente o interêsse pelo mundo que a cercava. O contrato de 9 anos que June tinha com a Fox venceria a 20 de fevereiro, mas ela recusou-se a renová-lo. Poucos dias antes dessa data, ela vendeu sua casa, depositou todo o dinheiro que tinha em nome de sua mãe e distribuiu às amigas os luxuosos vestidos que compunham o seu guarda-roupa de "estrêla" famosa. Indo a um salão de beleza em Beverly Hills, June fêz aplicar em seu cabelo um "shampoo" que lhe retornasse o tom castanho natural, pois não queria levar para o convento nenhum sinal de vaidade. Uma semana depois, partia para Leavenworth, no Estado de Kansas, ingressando no Convento Católico das Irmãs de Caridade, onde se preparará durante seis meses para, então, receber o véu de noviça. A jovem atriz de 26 anos declarou que pretende se dedicar às crianças doentes. Essa sua decisão não constitui novidade para os seus amigos mais íntimos e muito menos para as freiras do referido Convento que já haviam recebido uma visita de June em novembro de 1950, pouco depois de haver ela regressado da Europa, onde visitara o Papa no Vaticano. Ao que parece, o que protelou a ida de Miss Haver para o Convento é o fato de ser ela divorciada. Em 1947, casara-se June com o trombonista Jimmy Zito, mas o matrimônio durou apenas alguns meses. Apesar dos seus reiterados pedidos, não conseguiu ela uma anulação do seu casamento pela Igreja Católica, o que muito a aborreceu, principalmente quando se apaixonou pelo Dr. Duzik, a quem pretendia desposar. No ano passado, durante a filmagem da sua última película para a Fox — "The Girl Next Door", com Dan Dailey — June caiu de uma mesa onde fazia um número de dança, ferindo gravemente a espinha. Tôda essa sucessão de infelicidades levou-a a uma completa indiferença pelas coisas terrenas, dedicando-se aos fenômenos espirituais que, afinal, a levaram a trocar o fausto de Wollywood pela solidão do claustro. E com isto, o cinema perde uma das suas mais vivas personalidades. O maior desempenho da brilhante carreira de June Haver foi o de **Marilyn Miller** em "Crepúsculo de uma Glória", da Warner Brothers.



Na Columbia, Rita Hayworth e Stewart Granger fazem piada com as sandálias que ela usa no filme «Salomé», no qual a ex-princesa executa a «dança dos sete véus»

★

Lembram-se daquela gozadíssima comédia "Solteiras às Soltas", com Rozalind Russell e Janet Blair? Pois a veterana Roz está re-encenando-a na Broadway, o que marca a sua triunfal volta ao palco, após 16 anos de ausência. No entanto, parece que — no que concerne à saúde — a Broadway não tem dado muita sorte às estrêlas de Hollywood, pois, a exemplo de Bette Davis, Rozalind caiu doente (com laringite agúda) logo no dia da estréia, que, assim, teve que ser adiada...

★

Cornel Wilde, a espôsa Jean Wallace e os dois filhos que ela tem de Franchot Tone, partiram para o Marrocos, onde êle será o galã de Rita Gam em "Saadia", da Metro.

★

Gale Robbins terminou uma temporada como cantora de um "night-club" em Chicago e veio para Hollywood, a fim de aparecer no filme da Warner "Calamity Jane", com Doris Day e Howard Keel. E, imaginem vocês, que papel interpretará Gale: o de uma cantora em... Chicago!

★

Os chiquíssimos vestidos que a sofisticada Zsa Zsa Gabor (Sra. George Sanders) usa no filme "Moulin Rouge", com José Ferrer, foram especialmente desenhados para ela por Schiaparelli. E, na **première** mundial do referido filme no Fox Wilshire Theatre, Zsa Zsa ostentava uma exótica capa de veludo de Jacques Fath.

★

A Columbia contratou mesmo Mae West para a revista musical "Pal Joey", a ser filmada em tecnicolor. Será esta a primeira aparição de La West diante das câmaras, desde 1942.

★

Os recém-casados Peggy Lee (a cantora que estréia no cinema em "O Cantor do Jazz", da Warner, com Danny Thomas) e Brad Dexter voltaram a Hollywood, após uma lua-de-mel de duas semanas em Washington, onde tiveram oportunidade de prestar homenagem ao General Eisenhower no dia da sua posse como Presidente dos Estados Unidos.

★

Morreu o apaixonado de Ann Sheridan: Steve Hannagan, o veterano agente de publicidade que Hollywood tôda admirava. Steve sucumbiu vítima de um ataque cardíaco em Nairobi, na Africa, pouco antes de empreender uma longa viagem ao redor do mundo. Apesar de comprometidos há vários anos, Ann e Steve não chegaram a se casar porque êle queria que ela abandonasse completamente a sua carreira artística. Ann voou para Nova York, a fim de assistir ao funeral do "único homem que amei em tôda a minha vida", segundo suas próprias declarações.

★

Justamente quando todos pensavam que Robert Taylor já escolhera Ursula Theiss como sua próxima espôsa, o simpático galã voltou a ser visto em companhia da sua **ex-cara metade**, Barbara Stanwick! Entenda-se êsse casal...

De Nova York, onde está aparecendo na peça "The Moon and Sixpence", Viveca Lindfors manda nos dizer que iniciará imediatamente o processo de divórcio do seu marido Don Siegel, diretor cinematográfico. Motivo: crueldade mental.

★

Quando Marilyn Monroe deixa cair a sua bôlsa, ao ser perseguida por Joseph Cotten numa cena de "Niagara", da Fox, a **loira atômica** fornece bom material para um psicanalista, pois o conteúdo é o seguinte: pente, baton, pincel para os lábios, **pancake** para maquillage, escovinha para cabelo, escova para roupa, lápis para sobrancelha, rimel, licença para guiar automóvel, livrinho de apontamentos, lixa para unhas, lenço de linho, lenços de papel, esmalte para unhas, removedor de cutícula, um brinco apenas, uma pulseira quebrada, um livro de cheques, escova de dentes, dentifrício, algodão, três cartas amassadas, sêlos de correio, um vidrinho de perfume, colônia-compacta, carteira de notas, alfinetes de segurança, grampos para cabelo, uma echarpe de sêda, rouge, sombra para as pálpebras, espelho, um livrinho de poesias, uma moeda chinesa, um diário de bôlso e um dólar de prata! E o pior é que Marilyn admitiu que são essas exatamente as coisas que leva em sua bôlsa na vida real...



«Salvá-la cometendo um crime? Nunca, Maria Teresa... Ser mãe é amar os filhos concebidos... Jorge Mistral (Albertinho Limonta), Barbara Gil (Maria Teresa)

Uma super-produção de "GALINDO HERMANOS", dirigida por ZACARIAS GOMEZ URQUIZA; fundos musicais por Raul Lavista e fotografia de Victor Herrera.

Filme da PELMEX

Esta história se inicia em Cuba, ou melhor, na sua bela capital, Havana.

O Dr. Alberto Limonta aguarda em sua clínica a visita de Maria Teresa, jovem da alta sociedade e de uma família que êle vem tratando há vários anos. Não tardou muito para chegar. Dando a impressão de um nervosismo descontrolado, Maria Teresa não sabe como iniciar a palestra.

— Dr., Não sei o que se passa comigo...

Seu olhar traduz uma séria preocupação. Em tom confidencial pronuncia estas palavras:

CINE-ROMANCE

"O DIREITO DE NASCER"

(Versão cinematográfica e livre sôbre a famosa novela de Felix B. Caignet por D'Avril).

E L E N C O:

GLÓRIA MARIN (Maria Elena e Soror Elena); JORGE MISTRAL (Alberto Limonta); MARTHA ROTH (Isabel Cristina).; JOSE' BAVIERA (Dom Rafael Del Junco); LUPE SUAREZ (Mamãe Dolores); JOSE' MARIA LINHARES RIVAS (Jorge Luis Armenteros); BÁRBARA GIL (Maria Tereza); MATILDE PALOU (D. Clemencia Del Junco); QUETA LAVAT (Amelita); TITO NOVARO (Alfredo Martinez); J. LUIS MORENO (Albertinho Limonta, menino) e um grande "cast".



O coração daquela mãe pressentia um drama no íntimo de Maria Elena... Glória Marin (Maria Elena), Matilde Palou (D. Clemência)

— Vim ver o amigo de minha família, o homem integro e o médico...

Dr. Limonta estranhando a atitude da jovem, indaga:

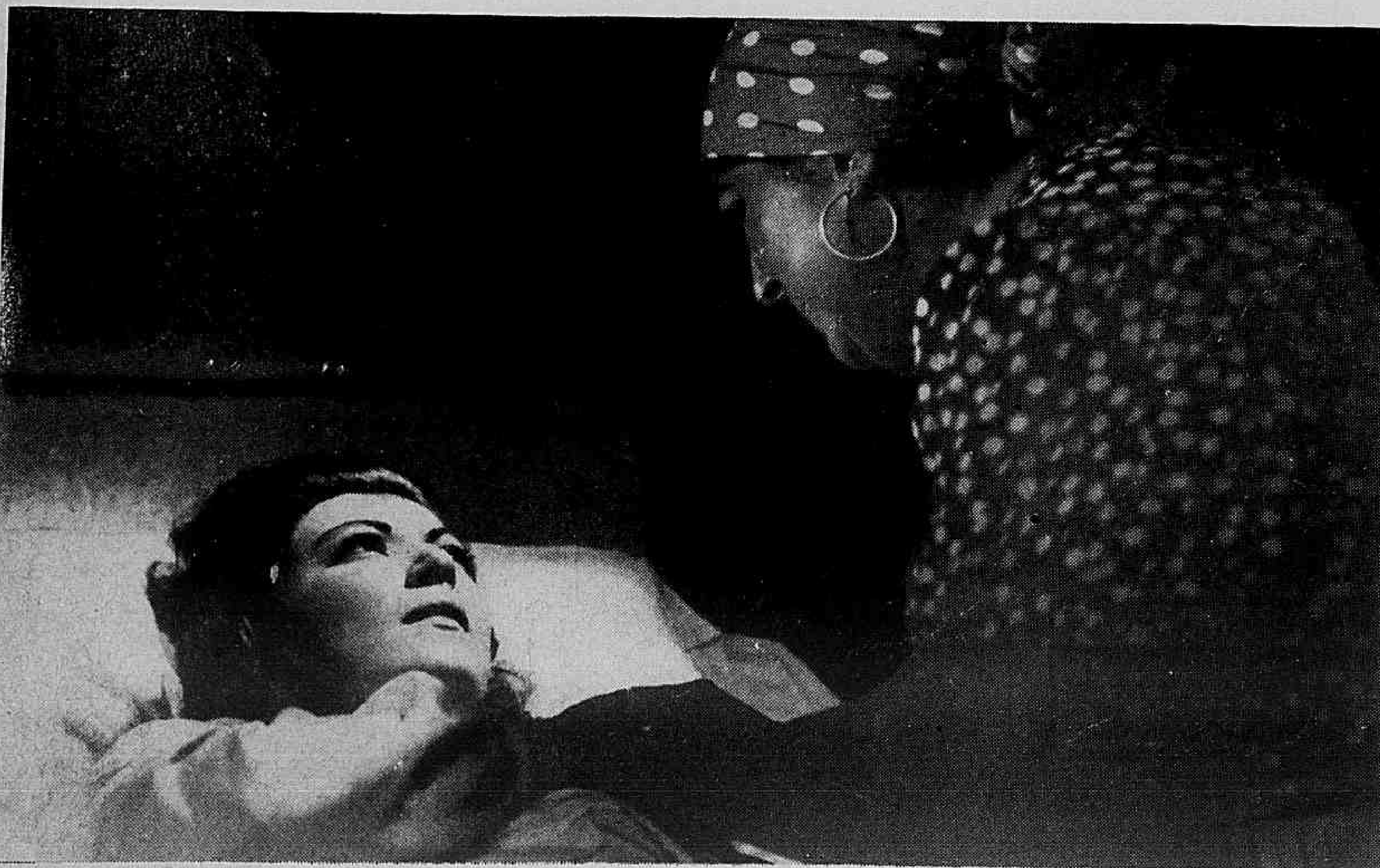
— Estou às suas ordens. De que se trata ? Seja franca.

Mais uma vez ela lança o seu olhar para Alberto Limonta. Um olhar aflito e eloqüente. Pressentindo algo grave o médico declara:

— A um médico honrado pode-se abrir o coração.

Maria Teresa contorna o assunto, fala de sua posição na sociedade, no nome de sua família e em sua honra... agora ultrajada !

— Eu não suportaria o desprêzo de todos... meu próprio desprêzo... se nacesse êste fi-



Maria Elena vivia o momento mais supremo e, também, o mais angustioso de sua vida... Glória Marin (Maria Elena), Lupe Suarez (Mamãe Dolores)

lho... Compreenda minha situação... Imploro ao médico amigo...

Trincando os dentes. Dr. Limonta exclama:

— ...e ao assassino... !

Maria Teresa estremece.

— Sim, ao assassino. Pede que em nome de uma falsa sociedade, eu mate quem deve nascer !

Em têrmos dramáticos trava-se a discussão entre a cliente e o clínico. Êste descobre que o pai da criança é um homem casado, para quem o divórcio é impossível.

— Não sou digna, — pergunta Maria Teresa—, de piedade ?

— Piedade... ? Não, Maria Teresa. E' digna de admiração! propõe ? Porque expulsa a mãe que concebe ?

Maria Teresa chora e já desesperada, clama:

— Basta doutor! Acabarei por ficar louca de vergonha e desespêro.

— Tenho de despertar sua consciência para convencê-la. E' meu dever, não só como homem, mas como companheiro de infortúnio dêsse filho que não quer que nasça.

— O senhor ?...

Maria Teresa olha-o surpresa.

— Sim, Maria Teresa... Não queriam que eu nascesse. Todos num conluio desumano, negavam-me o mais sagrado dos direitos...



«Tinha que nascer... e tem direito de viver!» Glória Marin (Maria Elena), D. Rafael Del Junco (José Baviera)



Mamãe Dolores acariciava o filho que o Destino lhe confiara, mas que a sociedade condenara... (Lupe Suarez)

Ter um filho é uma bênção divina... As entranhas são o primeiro berço que o coração embala quando pulsa. Perdoe minha exaltação, mas falo como um homem que tem profundas cicatrizes na alma e cumpre um dever sagrado, defendendo a natalidade. Sua honra e sua consciência jamais ficarão limpas. Até as feras mais indomáveis deixam nascer suas crias. Siga êsse exemplo... Sufoque êsses escrúpulos; a sociedade não perdoa escândalos, diz-me a senhora, mas, pergunto eu, porque aprova crimes como o que me

Agora é Alberto Limonta que a olha com humildade.

— O direito de nascer...

Rememorando o passado, Dr Limonta, numa voz cálida e calma começa a sua amarga história:

— Foi lá em Santiago de Cuba...

Algo de anormal se passava na casa vetusta da família Junco. Maria Elena teimava em se encerrar nos seus aposentos. tendo por única companhia a sua "babá", Mamãe Dolores, uma preta gorda e de aspecto bondoso. D. Clemência indaga maternalmente o que se passa e Maria Elena mostra-se reticente, mas ao ouvir falar numa visita do médico da família, estremece e se nega a ser examinada. D. Clemência reafirma que o médico virá. Horas depois, D. Rafael aguarda o resultado do exame do Dr. Nicalzi. Êste, passado alguns minutos, aparece e informa que será preciso, no dia seguinte, um novo exame e em seu gabinete particular.

Nessa mesma noite, Maria Elena e Mamãe Dolores, se dirigem ao encontro de Alfredo Martinez, homem mundano e despreocupado o de observar certos preceitos. Maria Elena fala de seu estado e da situação de ambos perante a família e a sociedade.

— Nossa situação?... Não, a tua. O homem, — diz, calmamente, Alfredo Martinez, — age como homem, namora e conquista a mulher... se ela é fraca, não tem razão de culpar ninguém.

Maria Elena olha-o indignada e de seus lábios escapa um insulto.

— Como és vil !

Antes que ela pudesse acrescentar algo, Mamãe Dolores advertiu:

— Menina Elena... a senhora !

Efetivamente, D. Clemência surpreendia-os, mas Alfredo Martinez, havia se escapado. Indagada a respeito, Maria Elena, declara ser o seu noivo, Alfredo Martinez, primeiramente, mas, diante da firmeza de D. Clemência, confessa:

— Vou ter um filho!

D. Clemência, aturdida corre para dentro de casa. Apoiada por Mamãe Dolores, Maria Elena se dirige para os seus cômodos. Alí encontram D. Rafael e uma cena violenta se dá entre pai e filha, que a acusa de desonra da família e jura que essa criança não nascerá, pois considera Alfredo Martinez um canalha !

No dia seguinte procura o Dr. Pazzi e insinua-lhe que faça um abôrto. Homem dedicado a sua profissão, Dr. Pazzi se recusa e D. Rafael se retira.

Horas depois Maria Elena e D. Rafael discutem. Êle ameaçando e ela defendendo a vida do filho que está em seu ventre. Finalmente, D. Rafael, autoritàriamente, propõe que ela e Mamãe Dolores se retirem para o cafèzal, no interior, de sua propriedade, e lá a criança nascerá ignorada...

— Hoje mesmo partiremos para a fazenda. Lá, afastada de tudo, esperarás êsse momento.. que devia ser, também, de tua morte !

(Continua no próximo número)

Mamãe Dolores pedia a proteção da Virgem para os pressentimentos que assaltavam sua alma...



«Deixa-me beijar-te os olhos para secar tuas lágrimas... Não chores!» (Jorge Mistral e Lupe Suarez).



GINGER ROGERS CASOU-SE COM JACQUES BERGERAC

A ÚLTIMA MODA EM HOLLYWOOD: ROMANCES INTERNACIONAIS — GINGER E JACQUES BERGERAC ENTRAM NA LISTA — A DIFICULDADE DE UMA ENTREVISTA COM A "ESTRÊLA" — CARINHO PARA COM O BRASIL — PROBLEMAS DE AMOR, MAS A CARREIRA EM GRANDE FORMA — O INGLÊS DE JACQUES E O FUTURO QUE OS ESPERA...

Reportagem de DULCE DAMASCENO DE BRITO (Correspondente de "A CENA" em HOLLYWOOD)



Após uma ausência de doi cinema em grande forma, c «We're Not Married», da Fo cena com Jane Darwell, F

De tempos-em-tempos, s grande romance de amor c primordial de tôdas as c grid Bergman **lançou** a lywoodianas se apaixona guiram-se-lhe Rita Hay Turner (Fernando Lam chael Wilding), Shelley man), Linda Darnel (G mente, Ginger Rogers c Jacques Bergerac. Os r causam sensação. O im internacional... A prov dessas **estrêlas** têm sa chetes dos jornais! Ging uma vítima em Hollywo apaixonado por um rapa do que ela... censura obter um contrato cine que é pior, onde quer tos, começam logo os terminam, invariàvelme ta: "Quando é que ê Diante de tudo isso, Gi das **estrêlas** mais inaces



Alto, moreno e simpátic Bergerac conquistou o c cujos olhos verdes brilh quando se vê a

←

A encantadora personalida mudou com o correr dos nossa correspondente em cebida pela grande atri



is anos, Ginger voltou ao
como uma das heroínas de
x, do qual estampamos uma
Fred Alle e Victor Moore

Ginger Rogers ainda é uma das poucas quarentonas de Hollywood que pode interpretar u'a menina adolescente, sem cair no ridículo, como surge em algumas cenas de «Monkey Business»





surge em Hollywood um
que se torna logo o ponto
conversas da cidade. In-
moda das "estrêlas" hol-
em por estrangeiros. Se-
orth (Aly Khan), Lana
), Elizabeth Taylor (Mi-
Winters (Vittorio Gass-
iseppe Amatto) e, final-
m o seu jovem francês,
mances **domésticos** já não
ortante agora é o amor
está em que os nomes
ó diàriamente nas man-
r, especialmente, tem sido
l. Criticam-na por ter se
quinze anos mais jovem
-na por tê-lo ajudado a
atográfico na Metro e, o
ue ambos apareçam jun-
nsistentes cochichos que
e, com a mesma pergun-
s pretendem se casar ?"
er Rogers tornou-se uma
íveis à imprensa. Esqui-

vando-se dos jornalistas, a fim de evitar a natural curiosidade em tôrno da sua vida particular, ela começou a ser apelidada de "a difícil". Justamente por êsse motivo — pelo **furo** que seria uma reportagem sôbre Ginger — é que usamos todos os recursos e artimanhas, a fim de sermos recebidos pela **estrêla** para uma entrevista exclusiva a "A CENA". Após dois dias de grande paciência (ou impaciência!) dispendidos no **set** de "Forever Female", da Paramount, conseguimos, finalmente, o nosso intento e fomos acolhidos por Ginger Rogers em seu camarim. Lá, aprendemos que a propalada dificuldade de Ginger manifesta-se apenas ANTES de conceder as entrevistas, pois, desde que se lhe consegue aproximar-se, ela sabe ser a criatura mais atenciosa do mundo, revelando-se ainda, uma perfeita anfitriã. Conta-nos que tem grandes amigos no Brasil e que pretende ir ao nosso país em 1954, por ocasião dos festejos do IV Centenário de São Paulo.

— O Brasil ocupa um carinhoso lugar no meu coração, — diz-nos a **estrêla** — pois, como você deve estar lembrada, minha carreira no cinema começou, pràticamente, dançando a "Carioca" em "Voando para o Rio".

Sim, lembrávamo-nos dêsse e de todos os outros filmes que, com um sucesso incrível, Ginger fizera com Fred Astaire, então seu inseparável compa-

(Cont. na pág. 34)

N. da R. — Esta reportagem já estava redigida, quando o telégrafo nos informou que Ginger casara com Jacques Bergerac em Palm Springs.

o jovem francês Jacques
ação da famosa «estrêla»,
m como duas esmeraldas
o lado dêle...



Cary Grant e Ginger formam o casal de «Monkey Business» que toma o elixir da juventude...



de de Ginger Rogers não
anos, como pôde verificar
Hollywood, quando foi re-
nos estúdios da Paramount





Gloria Swanson quando recebia o diploma de «melhor atriz» de 1951, do «Clube de Cinema do Rio de Janeiro»

o fã pergunta: "A CENA" responde

ELVIRA DE OLIVEIRA BRASIL (Salvador) "...sempre no propósito de colaborar com a direção dessa querida revista..."

R. — A crônica será publicada. Mande outras.

CÉLIA LEITE (Sorocaba) "... se por exemplo uma pessoa quer candidatar-se ao cinema brasileiro..."

R. — Não. Não é por nosso intermédio que se ingressa no cinema brasileiro. Desconhecemos o endereço particular de Fada Santoro.

ANITA AVAKY (São Paulo) "... poderiam publicar na capa uma fotografia do astro Don Taylor?"

R. — Anotamos seu pedido. Aguarde uma oportunidade.

JOANA FUJITA (São Paulo) "... poderiam publicar na capa uma fotografia da atriz japonêsa Shirley Yamaguchi?"

R. — Como na resposta anterior.

ANTONIO L. P. CAMPOS (São Paulo) "...o meu objetivo é perguntar-lhe onde conseguem a ficha..."

R. — Todo fã de cinema que se preza, tem seu fichário organizado. Temos também o nosso e é dêle que extraímos dados completos sôbre filmes.

FÁBIO DI SIMONI (Passos — Minas) "...peço esclarecer-me acêrca do companheiro de Katherine Hepburn nos seguintes filmes..."

R. — "A Mística" (Spitfire) com John Beal; "Manhã de Glória" (Morning Glory) com Douglas Fairbanks Jr.; "Como amam as Mulheres" (Silvia Scarlet), com Cary Grant; e "Vivendo em Dúvida" (Bring up te Baby) com Cary Grant. Parece-nos que há alguma impropriedade nos filmes de Robert Taylor que você cita.

JOSE' RICARDO (Rio) "... porque a irmã de Adelaide Chiozzo não obtem uma oportunidade no cinema nacional?"

R. — Não sabemos explicar. Quanto à atriz Ângela Fernandes, nada sabemos a seu respeito com relação a filmes que por ventura esteja fazendo.

JOSE' GAMBERO GARCIA (São Paulo "...há algum tempo foi anunciado que a Vera Cruz estava interessada em boas histórias..."

R. — Lamentamos que seús argumentos ainda não tenham sido aproveitados. Procure aprimorá-los e não deixe de insistir.

CARLO DI SENNA (São Paulo) "...quem é a moça que faz uma ponta em "João Gangorra"?

R. — Infelizmente, Sr. Senna, ainda não conseguimos saber o nome da moça a que você se refere. Logo que soubermos, dar-lhe-emos a resposta exata.

RÔMULO (Rio) "...qual o próximo filme de Marlene Dietrich?"

R. — Marlene se limita a fazer, quase sempre, um filme por ano. Em 1952, fêz "O Diabo feito Mulher" (Rancho Notorious). Ainda não sabemos o título do filme que certamente ela interpretará no ano em curso.

ALBERTO MONTENEGRO (Belo Horizonte) "...desejaria ter a ficha completa do filme "Cyrano de Bergerac".

R. — "Cyrano de Bergerac", produção United Artists (Stanley Kramer e George Glass). Argumento de Edmond Rostand. Adaptação e roteiro de Carl Freman. Cenários de Edward G. Boyle. Operador: Frank Planer. Música de Dimitri Tiomkin. Direção de Michael Gordon. Intérpretes: José Ferrer (Cyrano), Mala Powers (Roxane), William Prince (Christian), Morris Carnosky (Le Bret), Ralph Clanton (Conde de Guiche), Virgina Farmer, Edgar Barrier, Elena Verdugo, Albert Cavens, Arthur Blake, Don Beddoe, Percy Helton, Virginia Christine, Gil Warren e Jerry Pans.

MARCOS MIRANDA (Rio) "... qual a maior atriz cinematográfica da primeira metade dêste século?"

R. — E' uma questão de opinião pessoal. A nosso ver é Gloria Swanson e não Greta Garbo, como geralmente se diz. A Swanson realiza o milagre de se tornar popular em tôdas as gerações dos últimos cinqüenta anos, o que significa que foi admirada por nossos avós, por nossos pais e agora por nós próprios. Basta dizer que ela começou sua carreira em 1913 e continua sendo tão popular hoje como naquela época. Quanto à Greta Garbo, as gerações de vinte anos não sabem quem ela é.

Cine-Crítica do LEITOR

CINEMA NACIONAL

ELVIRA DE OLIVEIRA BRASIL

Já se tornou "chic" criticar o cinema nativo.

Todo mundo que entende e que não entende de cinema, fala mal das produções da casa. E não sem razão, porque, apesar das dificuldades com que lutam os homens de cinema da terra, ainda existe muita política, muita má vontade e situacionismo atrás dos bastidores.

O slogan "se temos que ver abacaxis, que sejam nossos", do sr. Fernando de Barros, é muito bonito, muito patriótico, louvável mesmo, mas não é lá tão prático assim.

Não é possível que um cristão saia de uma casa de espetáculo louvando e encorajando o cinema verde-amarelo depois de ver coisas inqualificáveis tais como "ANJO DO LODO", "PECADORA IMACULADA" e ùltimamente "COM O DIABO NO CORPO".

Que se desculpem as falhas gritantes de "APASSIONATA", deslocado e pomposo no seu aspecto de "nouveau-riche", que se releve a superficialidade, o falso ar de "mensagem de paz na terra aos homens de boa-vontade", em Tudo Azul, o modernismo forçado e a pobreza de imaginação sem paralelo (para não falar no resto) que se nota em "COM O DIABO NO CORPO", o qual só não afundou irremediàvelmente no mar da mediocridade graças a Luiz Delfino, ainda se compreende; mas, gostar, aplaudir e pedir mais..., francamente, é de pasmar.

Cremos já pertencer ao pretérito o tempo da palhaçada, da chanchada fácil, da pieguice dramalhona ou da exibição carnavalesca.

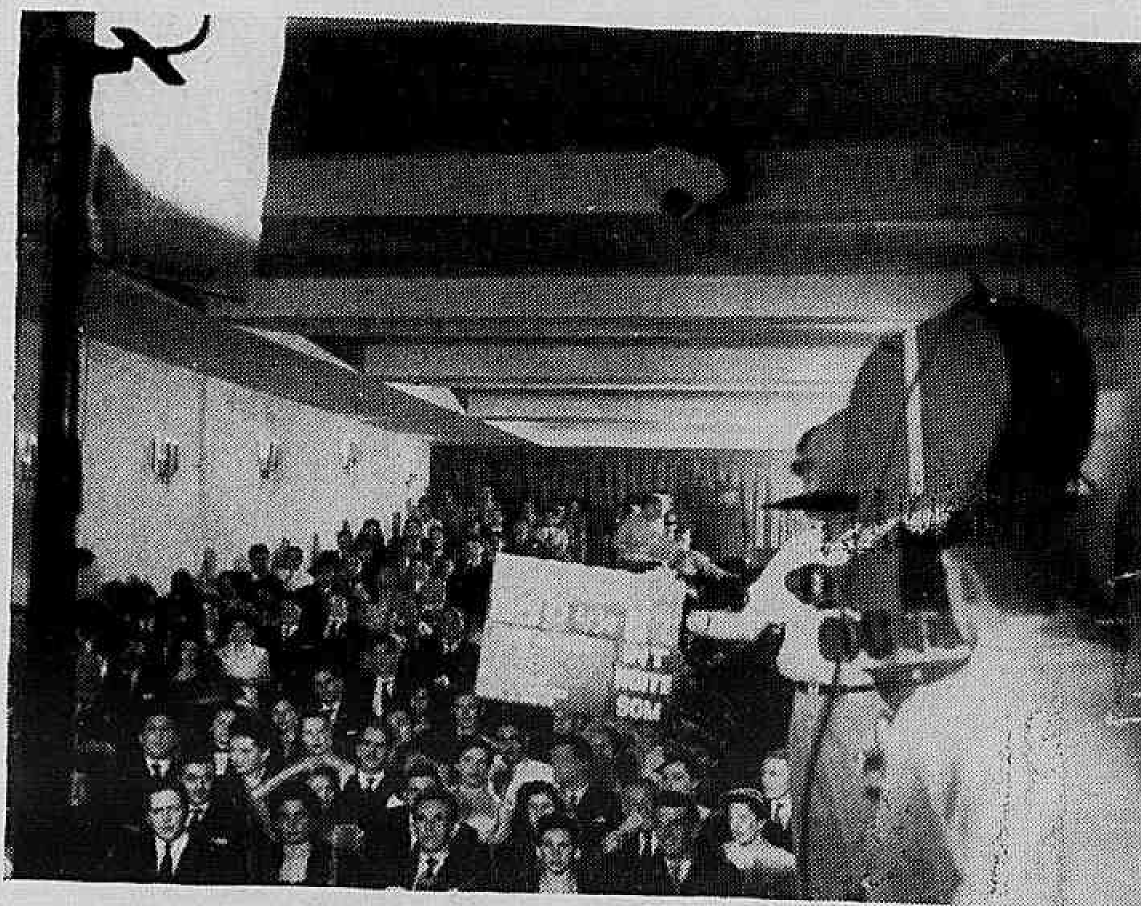
1952 foi um ano marco na vida da indústria fílmica do país. Técnica e artìsticamente, valores novos se implantaram e se reafirmaram os veteranos, sempre melhores, felizmente. Houve impulso, houve luta, houve progresso, por mínimo que fôsse.

Mas não é tudo. Não se pode exigir boa produção, se o instrumento de trabalho é imperfeito.

E, sem querer assumir posições, sem querer pontificar sôbre um assunto do qual não nos cabe a primazia, achamos que o defeito capital do nosso cinema é a falta de boas histórias. De temas que, compondo um bom livro, uma boa peça teatral, possam ser convenientemente adaptados ao cinema, e, conseqüentemente, agradar ao público.

Ora, retrocedamos à mesma tecla: o romance de José de Alencar, embora constitua um esplêndido trabalho de lirismo e psicologia humanas, não se presta ao cinema, porque a sua fôrça de expressão repousa justamente no desenvolvimento retórico do tema, o que na tela resultaria em maçantes diálogos. Mas a Cinédia pegou da história, cortou aqui, emendou ali, encurtou adiante, e o resultado foi aquêle monumento de incompreensão cinematográfica a que chamaram "ANJO DO LODO", título por sinal parecidíssimo com "FLOR DO LODO", da dupla Godard-Milland. Aliás, em se tratando de flores e anjos, não há muito que escolher — o essencial é chamar a atenção do público pagante, ainda que as flores não sejam flores e os anjos não sejam pròpriamente anjos.

(Cont. no próximo número)



Um aspecto do progresso do cinema nacional: filmagem de «Esquina da Ilusão», direção de Rugero Jaccobi durante uma seção do «Teatro Brasileiro de Comédia», do «Vai com Deus». Na terceira fileira, Ilka Soares e Waldemar Wey (à esquerda)

Mais um filhinho, Deus me deu!

E o dr. José Marques (PAULO ROBERTO) ganha mais um - Obrigado doutor!

Condecorado pelo Rei Haakon ★ "Agradeça a Deus, filha" ★ Avêsso às homenagens ★ São Lourenço, um mundo diferente ★ Quando tremem os charlatães ★ Conselheiro dos novos ★ Campeão de correspondência

Reportagem de TOM SALLES

Estamos numa das muitas maternidades existentes nesta trepidante Cidade Maravilhosa. Enfermeiras passeiam pelos seus corredores numa vigília constante às parturientes que aguardam o momento de receber a visita de D. Cegonha. Derepente surge, pela porta principal, cabelos grisalhos e roupão branco, um sr. bem disposto e meio sorridente. Dirige-se a uma das enfermeiras:

— Então, enfermeira, como vai a paciente do quarto cinco?

— Não está por muito tempo, doutor... Acho que a criança nascerá dentro de u'a meia hora...

— Não percamos tempo. Preparemo-nos, então!

E partem os dois, e mais outras auxiliares, rumo ao quarto da senhora que vai conceber mais um filho à nossa terra. Entram e começam a preparar tudo para que o parto corra normalmente. A senhora, digamos melhor, uma jovem senhora, se contorce com dores atrozes, as dores que as mães sentem para dar ao mundo filhos que, muita vez, após se tornarem homens feitos as desprezam como trapos humanos. E' chegado o momento. Ativa-se o trabalho do médico e das enfermeiras. Movimentação desmedida. Tudo calculado, tudo certo e, de repente, ouve-se o vagido de mais um brasileirinho. Um sorriso de vitória ilumina as faces dos bem sucedidos na intervenção. O dr., mais contente do que qualquer uma de suas auxiliares, vira-se para as enfermeiras e diz num tom de vitória:

— Mais um filhinho, Deus me deu!

A paciente, quase que refeita, pois tivera um parto felicíssimo, também acha interessante a frase do boníssimo doutor. Esboça um sorriso meio sofrido, e pronuncia, firmemente:

— Obrigado, doutor!

E o médico responde:



Eis aí quase que um «corpo inteiro» dêsse valoroso rádio-man



Paulo Roberto deixa cair de sua pena valorosas palavras humanas vomo as que costuma empregar em seu vitorioso «Honra ao Mérito». Reparem na modéstia de sua atitude. Paulo trabalha, eficientemente, em qualquer lugar e a qualquer instante

mansamente, deixando a mãe de seu filho dormindo o sono dos que se saem bem de uma grande empreitada.

★

O fato que narramos acima, leitor, é cotidiano para o dr. José Marques, um dos mais conceituados ginecologistas da nossa capital. Diàriamente, êle atende a cêrca de uma dezena de parturientes, sempre com um espírito confortador que as põe aptas ao concebimento de seus rebentos. As enfermeiras o acham um profissional adorável. À uma folga de sua labuta intensa, lá está êle palestrando com suas inúmeras auxiliares, quase sempre narrando os casos mais tristes do mundo e sucedidos com colegas de profissão. E elas ficam embevecidas ouvindo as narrativas do grande mestre, o mestre José Marques das intervenções sempre bem sucedidas e pai de centenas de filhos. Para êle inexiste a distinção racial. Tan-

O dr. Paulo Roberto, perdão leitores, o dr. José Marques entrando em uma das dependências da Maternidade onde exerce a sua sagrada profissão





— Não, filha, não agradeça a mim. Agradeça a Deus e peça que Êle sempre me dê fôrças para continuar a botar mais criancinhas no mundo, para que possamos ter sempre um Brasil jovem e cheio de bons lutadores!

Faz uma pausa e prossegue:

— Você foi muito feliz, minha filha... E agora descanse, sim... você precisa descansar...

Fatigadíssima, a feliz mãe freme uma pestana contra a outra e adormece. O médico e suas enfermeiras retiram-se,

Paulo Roberto não possui inimigos. Suas amizades são sólidas e todos apreciam a sua maneira de tratar. Ei-lo entre as enfermeiras que lhe têm ajudado a trazer ao mundo inúmeros de seus filhos de profissão. Uma delas resolveu aplicar-lhe uma injeção e o dr. parece que sentiu um pouquinho



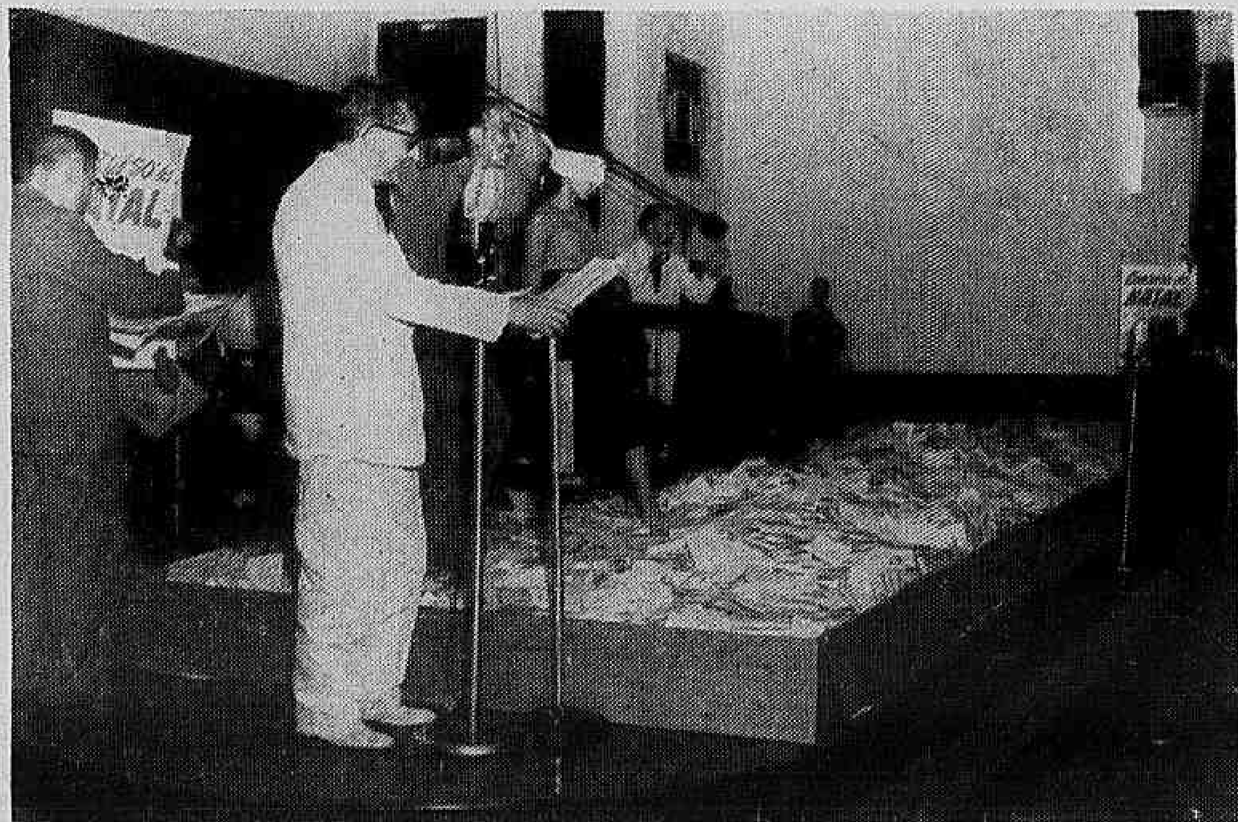
Aqui, leitores, vocês não vêem o produtor radiofônico. Você estão à frente do dr. José Marques que, envergando o seu bendito roupão branco, segura dois de seus filhinhos carinhosamente; ao seu lado, uma enfermeira mostra-lhe o terceiro filhinho do dr. Vejam com que satisfação êle sobraça os recém-nascidos

to zela pela parturiente de côr, como pela de pele branca. O sofrimento é um só e não tem côr, diz o valoroso esculápio. Êsse médico que tanto bem tem feito à população do Distrito Federal, dando assistência a muitas de suas filhas, nunca recebeu uma homenagem, nunca recebeu u'a manifestação de agrado. Entretanto, não pensem que êle foi esquecido. O que acontece é que êle se esquiva de qualquer solenidade em sua honra; porém, está sempre pronto a prestar e a tributar aplausos a um amigo, a um artista que mereça dignos aplausos.

★

Naturalmente, os leitores já devem estar intrigados, exceto aquêles que já conhecem um pouco da vida do grande dr. José Marques, melhor diremos: dêsse grande Paulo Roberto, médico que nos dá alegria aos domingos com seu «Nada além de dois minutos» e

(Cont. na pág. 30)



Durante uma das audições de «Gente que brilha», Paulo Roberto comanda o sorteio das cartas enviadas ao concurso que a firma patrocinadora realizava



Outra foto colhida durante uma de suas apresentações ao microfone da E-8. Ao lado, vemos o violonista Dilermando Reis e alguns elementos da orquestra em fundo



Os radialistas ainda não esqueceram aquêle formidável Baile do Rádio do dia 10 transato. Todos ainda têm zunindo aos ouvidos as melodias mais cantadas e que mais calor provocaram nos foliões radiofônicos. A foto nos mostra a foliona Dircinha Batista, que se acabou a valer na festa radiofônica. A mana de Linda Batista não se furtou ao convite de D. Folia. Caiu rasgado na batucada e quase acaba com o baile. Perguntem à Dircinha se ela gostou do baile e ela não se cansará de lhe dedicar alguns superlativos

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Tem-se como resolvida a saída de Raimundo Lopes da Mayrink Veiga, isso porque a A-9 não quer aumentar as cifras que regem o contrato daquele conhecido novelista. Raimundo, ao que se anuncia, talvez se transfira para a Tamoio que está disposta a cobrir a parte exigida pelo autor de "O poder do ódio".

★

Darcy Pedrosa, que vem brilhando nos espetáculos de teatro cego da Nacional, tem quase certa a sua ida para São Paulo, onde atuaria na PRG-9.

★

A Mayrink e a "Tribuna da Imprensa" lançaram a campanha do "Ajuda teu irmão", que se propõe a lutar, sèriamente, por um auxílio mais firme aos flagelados do nordeste.

★

A Rádio Vera Cruz lançou, no dia 27 transato, o programa de Washington Fernandes, "Mosaicos brasileiros". Devido ao seu conteúdo, espera-se que o mesmo obtenha algum êxito.

★

E' aguardada, para breve, u'a mudança total na alta direção das "Associadas" cariocas, pois os atuais mentores não estão agradando ao sr. Assis Chateaubriand.

★

Wilma Faria, como boa nordestina, resolveu escrever uma peça sôbre a odisséia de seus irmãos flagelados. O título é o mesmo da campanha e do baião composto por Humberto Teixeira, "Ajuda teu irmão".

★

Falam, à bôca pequena, no retôrno à Tupi de todos os rádio-atores que acompanharam Antônio Maria com destino à PRA-9. Haroldo Barbosa e Luís Jatobá também fariam o mesmo.

★

O rádio-teatro da Rádio Roquete Pinto está agora obedecendo à orientação de Berliet Júnior e Ildelindo Carvalho, que são supervisionados por Alberto Madeira.

VALE A PENA SABER

Alcides Gerardi, agora na Rádio Nacional, iniciou sua carreira interpretando sambas de breque em clubes recreativos dos subúrbios cariocas.

★

Duque Estrada, um dos mais seguros locutores da Rádio Roquete Pinto, foi revelado ao rádio brasileiro por Sagramor de Scuvero.

★

Se formos contar todos os dentistas que o rádio possui, talvez chegássemos à casa dos cem; entretanto, se fôssemos citar os que clinicam, certamente não passaríamos de u'a meia dúzia...

★

Olivinha Carvalho, desde os cinco anos de idade, mais ou menos, está prêsa às atividades artisticas, especialmente o rádio, ao qual está ligada mais amiúde. Ela já fêz cinema e teatro com agrado geral para seus inúmeros fãs.

Guilherme de Souza, prêso à Eldorado, onde integra seu quadro de locutores, saiu da vitoriosa Escola de Rádio-teatro da Prefeitura, que obedece à orientação de Ildelindo Carvalho e Berliet Júnior. Guilherme também é bom rádio-ator.

★

Arnaldo Amaral, atualmente elemento de destaque na alta administração da Clube do Brasil, já figurou como galã em diversas produções do cinema nacional.

DISSE-ME-DISSE

MR. KILOCYCLO

Muito maliciosamente, duas criaturas conversavam no bar da Nacional:

— Você conhece o «cast» Amaral Gurgel?

— Conheço. Como trabalham mal seus integrantes, hein?

— Agora, me diga: como o Amaral conseguiu lugar para aquêle pessoal todo?

— Bem, pelo que sei, não foi êle sòzinho que ajeitou a tropa... Houve muito esfôrço de parte de um elemento feminino...

★

Dizem que o Dias Gomes tem defendido bons cruzeiros apresentando trabalhos seus com a chancela de sua espôsa Janet Clair. Êle não está errado não, pois não dorme de touca...

★

— Você já reparou como o Hélio Ribeiro está novamente cheio de banca?

— Já. Êle não toma jeito mesmo.

— Quem foi palhaço uma vez, nunca perde o seu picadeiro...

★

E' uma pena que um rapaz como o Hamilton Frazão, um locutor de valor e ótimo animador, esteja se deixando levar por uma doença tão infame como a do cabotismo. Aconselhamos ao jovem «annonceur» da Nacional uma consulta urgentíssima a um esculápio.

★

Dizem, na PRE-8, que quando o valoroso Rodolfo Mayer aparece com a barba grande é prenúncio de que, em breve, teremos «As mãos de Euridice» em representação. E tem dado certo. Só mesmo u'a mulher consegue fazer um homem andar de barba crescida...

★

— Ângela Maria mudou um pouco... Já não se interessa mais por reportagem e anda se vendendo caro a todo escriba que a procure. Já está se tornando hábito se ouvir de seus lábios a seguinte frase:

— Não preciso de reportagem!

Mas, calma, Ângela, as luzes brilharão outra vez e você voltará à vaca magra (evitemos o cacófato).

PONTOS DE VISTA

«A Rádio Tamoio, qualquer dia, vai ser condecorada pelo Juiz de Menores, pelos relevantes serviços que vem prestando à infância de nossa terra. E' a estação que mais se preocupa em apresentar monstros em seus programas de aventuras. Nesse particular, está sòzinha. Arre!» — **Marijó.**

★

«Se certos gestos, trejeitos, podem concorrer para valorizar determinados números, quando feitos com naturalidade e principalmente graça, podem, por outro lado, prejudicá-los, quando forçados, mecânicos, duros. O próprio artista deve saber — e sabe — se tem ou não bossa para êsses trejeitos, procurando evitá-los sempre, desde que não sejam naturais e feitos com graça.» — **«O Tempo».**



A Rádio Clube tem dado oportunidade a muita gente nova. Seu quadro de rádio-atores é um bom atestado. No lado musical não tem acontecido fato diferente, pois a «Pioneira» tem arrebanhado novos valores para suas hostes. Ana Cristina, cuja foto ilustra estas linhas, é uma das mais recentes contratadas da emissora do Cineac. Ana, que também é compromissada com a fábrica Emerson, já levou à cêra u'a melodia de Jorge Braz e Aldo Cabral, que promete fazer muito êxito. Acreditamos num futuro bem brilhante para a simpática Ana Cristina



Isso acontecerá quando a Globo estiver em sua sede própria na rua Sant'ana. Os
Os telefones serão eternos perseguidores do simpático Luís Brunini

"VAI LÁ NA RÁDIO AJUDAR":

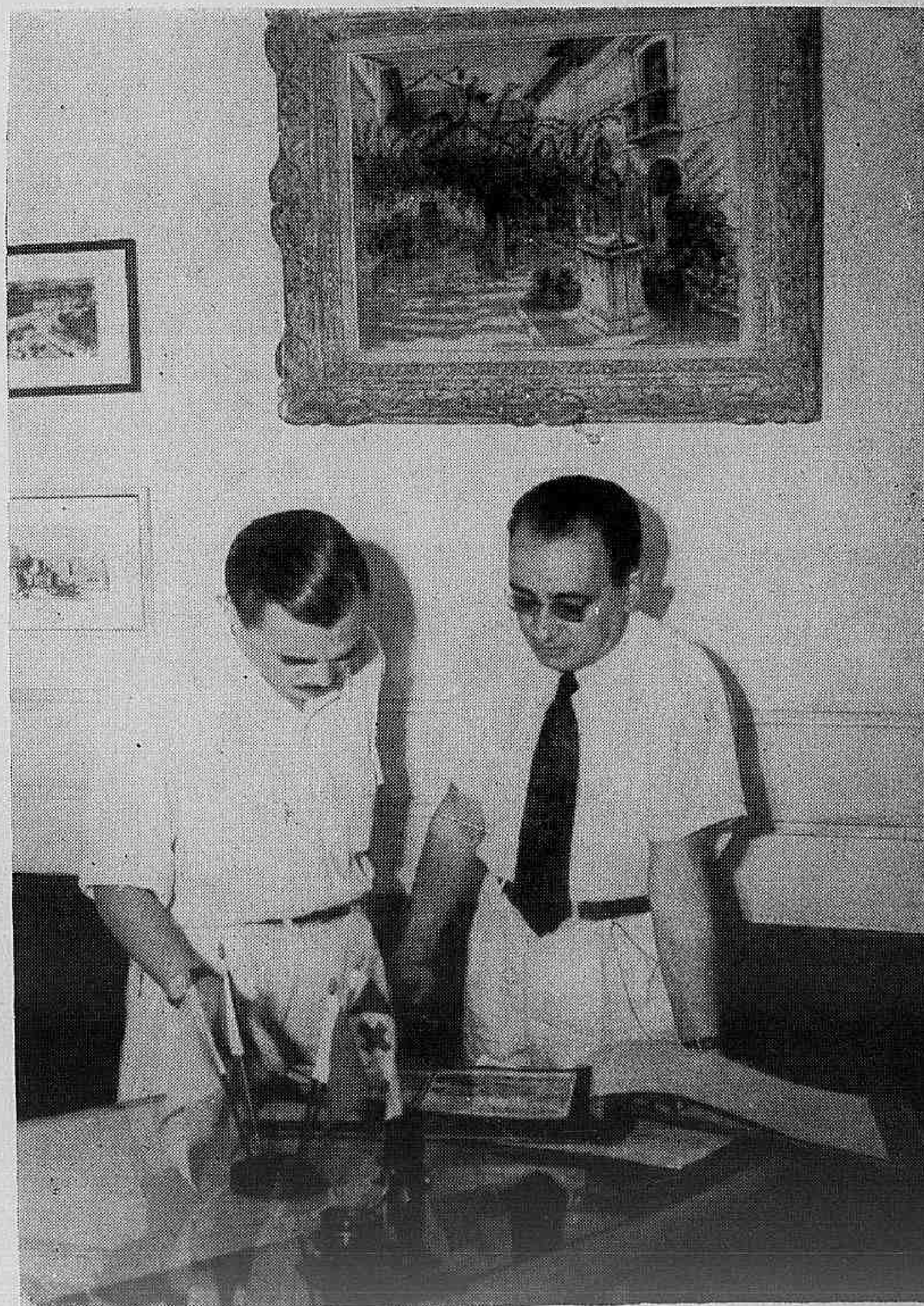
LUÍS BRUNINI FOI DE "BOY" A DIRETOR

OS ANALFABETOS NÃO TERÃO VEZ — RAUL BRUNINI NÃO COLOCOU LUÍS NO RÁDIO... — UM APARELHO DE GRAVAÇÃO MATA UM LOCUTOR... — DE CONTRA-REGRA A DIRETOR — A FOME DA GLOBO: TELEVISÃO, ONDAS CURTAS E RÁDIO-JORNALISMO SÉRIO — ECONOMIA PRIMEIRO, DEPOIS CARTAZES

Reportagem de OTTON CORRÊA
Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

E' grande o batalhão dos anônimos do rádio brasileiro. São figuras que fazem muito e aparecem pouco. São os soldados de um "front" mais pesado e que às vêzes os faz amargar reveses os mais sérios. Êsses, sim, o público não devia desconhecer, mas, entretanto, não é isso que acontece. Nunca êsses nomes virão à baila se não forem procurados, em seus gabinetes, salinhas muita vez, os seus donos. O que é mais interessante ainda é que a maioria dos anônimos é de uma modéstia que nos faz apreciá-los cada vez mais. Não erraremos em dizer que êsses é que são os verdadeiros astros do sem fio nacional, porque representam num palco inglório e onde os fãs (mil problemas e anunciantes) são mais exigentes...

Hoje apresentaremos aos leitores de "A CENA" um dêsses anônimos. Procuraremos apresentar, de corpo inteiro, o simpático bandeirante Luís Brunini, um cabeça-chata muito apreciado pelos radialistas cariocas. Luís, há cêrca de oito anos, vem prestando todo seu esfôrço à alta administração da Rádio Globo. Desde 45, quando Gagliano Neto o convidou a ingressar na PRE-3, êle vem cumprindo com êxito as missões que lhe foram confiadas. Naturalmente os leitores já fizeram uma ligação direta entre êle e Raul



Brunini e Celestino Silveira desfolham um álbum que recorda algumas cenas das excursões do conhecido cronista cinematográfico



Como se diz popularmente, a Globo (Brunini e seus comandados) vai «enfiar a cara» no rádio-jornalismo

Brunini, não é verdade? Não estão errados, pois os mesmos são irmãos e se dão às mil maravilhas. Tudo para êles corre azul, quando não, tratam de pintar o ambiente da côr da calmaria...

Antes de contarmos um pouco da vida e das opiniões do Brunini mais novo, ouçamos sua declaração acêrca da arrancada da Globo no setor do rádio-jornalismo.

— Pretendemos encarar o rádio-jornalismo sèriamente, fazendo um trabalho de cobertura perfeito, sôbre as bases de um aparelhamento técnico moderníssimo. Teremos uma equipe da própria estação, composta de Celestino Silveira, Geraldo Borges, Raul Brunini, o chefe; Hugo Rodolfo, Rubens Santos e Luís Mendes, êsse também afora o setor esportivo; e mais tôda a equipe de repórteres do vespertino "O Globo". Encaramos o nosso trabalho tão sèriamente, que tudo faremos para evitar a colocação de analfabetos ao microfone. Esperamos que o público ouvinte saiba compreender o nosso esfôrço para lhe dar o que há de mais perfeito no setor do rádio-jornalismo!"

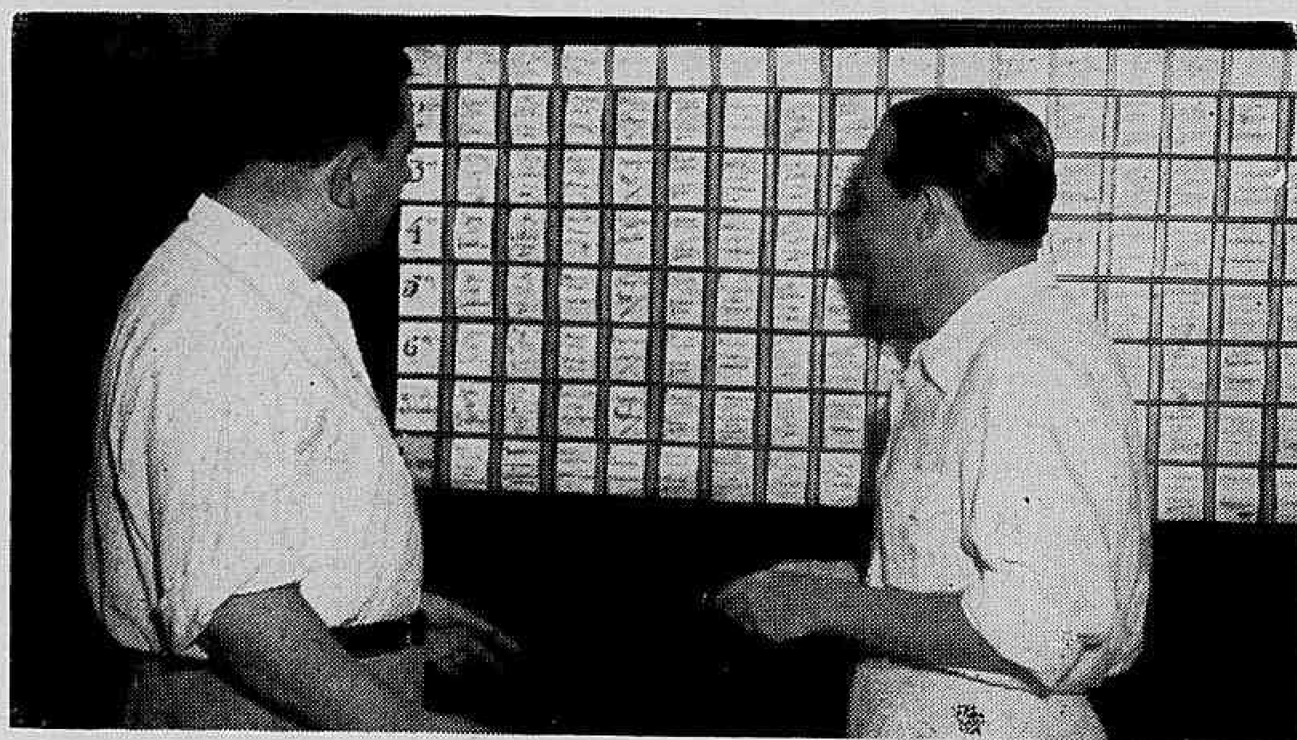
Grande resposta, não há dúvida, a certos detratores que andam pregando aos sete ventos um futuro fracasso da emissora do Ed. Sulriograndense. Dessa vez, cremos, a Globo assinalará um grande tento na balisa da preferência popular.

Com seu nome pouco divulgado, a muitos pode parecer que Luís Brunini ainda seja "brotinho" em rádio, mas estão completamente enganados. Êle tem treze anos feitos de rádio, pôsto que começou aos dezesseis anos de idade na Rádio Clube de Rio Claro, na sua terra natal, como simples contra-regra, isso porque o proprietário da emissora, sr. Francisco Cartolano Jr. — por sinal um ótimo escritor de rádio, segundo nos declarou nosso focalizado — possuía também uma emprêsa onde Brunini trabalhava como "boy" e, certo dia, chegou perto do menino e disse:

— Vai lá na rádio ajudar!

Foi a conta. De contra-regra o agradável cabeça-chata da Globo foi pulando, pulando, até chegar ao pôsto de diretor e, justo que digamos, um diretor de primeiríssima. Um fato interessante sucedeu ao herói desta reportagem no prefixo rioclarense. Com a escassez de locutores, o sr. Cartolano achou-o bom para salvar as aperturas e, assim sendo, Brunini tomou gostinho pelo microfone. Mas é necessário que lembremos que ainda não haviam chegado a Rio Claro êsses nossos conhecidíssimos aparelhos de gravação. Certo dia, estourou um dêles na F-2, e, incontinenti, Brunini foi convidado a estreá-lo. Tudo preparado, texto arrumado de acôrdo, foi feita a gravação. Ao término da mesma, estava desfalcado o quadro de locutores da Rádio Clube local, pois o mano de Raul Brunini, achando a sua voz horrível e anti-microfônica, resolveu abandonar definitivamente o micro, passando a ser apenas um homem de administração. Daí para cá firmou-se seguramente como administrador capaz e estêve prêso àquele prefixo o ano de 45 quando, vindo ao Rio gozar umas férias, foi detido, *incomunicàvelmente,* por Gagliano Neto, nos cárceres da Globo. Afora a E-3, sem se desligar

(Cont. na pág. 30)



Luís Brunini palestra com o sr. Queiroz, atual supervisor da programação da PRD-5, sôbre os «espaços» em que a Globo é mais sintonizada



Esta caminhonete percorre tôda a cidade de São Sebastião e adjacências colhendo noticiário certo e farto para o público ouvinte

A REVELAÇÃO DE VALORES
RUTH AMARAL CONTRARIA OS DERROTISTAS

CANTANDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL — MÁRIO LAGO INCENTIVA UMA FUTURA ESTRÊLA — ARGENTINA E URUGUAI JÁ LHE CONHECEM — MARCO DEU-LHE A OPORTUNIDADE ANSIADA — VENCENDO NA FONOGRAFIA

Reportagem de OCOSA
Fotos de Alexandre Miranda

Ainda que os derrotistas queiram negar a todo pano, a revelação de valores está aí, firme e cotidiana, a lhes mostrar sua risonha e jovem face. A quase totalidade de nossas emissoras já resolveram abraçá-la em seu todo e, dia após dia, vão lançando ao éter novos cantores, rádio-atrizes, locutores e produtores. A Rádio Nacional, não podemos negar, vem liderando, de maneira justíssima, os prefixos que têm dado atenção à gente nova.

Já vem se tornando hábito de seus sintonizadores ouvirem, durante a apresentação de um programa montado ou de auditório, o respectivo lançamento de um novo nome, que, dias depois, já se tornou conhecido devido à penetração que possuem as ondas da PRE-8.

★

Um dêsses valores, lançados recentemente pela E-8, é a simpática Ruth Amaral, u'a moreninha que sabe interpretar com graça os rítmos populares de nossa terra. Negar o valor de cantora dessa paulistinha, é uma injustiça, pôsto que já pudemos comprovar, através de discos e apresentações em público, o talento dessa sempre solícita Ruth Amaral.



Ruth sempre foi apreciada pelo «Rei da voz». Ei-la aqui ao lado do saudoso seresteiro, momentos antes de sua apresentação ao microfone E-8

★

Há quase um quarto de século atrás, mais ou menos, provocando grande celeuma na residência do sr. Carlos Rodrigues Amaral, a cegonha lhe presenteou com uma robusta menina. Discussão pra lá, discussão pra cá, ficou assentado que a menina se chamaria Ruth. E foi o que aconteceu. Um dia levaram-na à Pia Batismal e ao Tabelião e a garotinha ficou sendo Ruth pra tôda a vida. Choramingava e era um caso sério, e, não podemos deixar de dizer que a robusta criaturinha já começava a dar a pinta de que seria cantora de primeira água. Os anos foram devorando as fôlhas do calendário existente na casa de *seu* Carlos e, aos dez



Um trio respeitável que ataca qualquer melodia à preferência popular: Neuza Maria, Ruth e Ângela Maria



Uma «close» bem interessante da encantadora Ruth

anos, Ruth, já uma gracinha, com seus negros cabelos e quase artista, fazia dupla com seu genitor, tendo oportunidade de receber muitos aplausos nas festinhas onde se apresentava. A meninota Ruth Amaral já ia armando o trampolim que a faria saltar um dia ao movimento e ao interminável bulício artístico das grandes cidades. Mais tarde, iniciou uma série de excursões com um seu irmão, que hoje está ligado ao rádio paulista, através de inúmeras cidades brasileiras, tendo chegado, também, ao Uruguai e à Argentina.



Num «show» realizado numa das lojas de J. Isnard & Cia., vêmo-la ao lado do sr. João Almeida de Araújo, grande amigo da gente do rádio; Celso Guimarães, Chocolate, Risadinha, Marques da Silva, Alcides Gerardi, Jamelão e outros



Ao chegarem à Londrina, (Pr.), quando de uma excursão, Ruth, seu espôso, o primeiro à direita, e Black-out, erguem um brinde ao brilho da feliz incursão à terra paranaense

Mais senhora de si e com mais segurança na maneira de interpretar os ritmos brasileiros, Ruth retornou a São Carlos do Pinhal, cidade onde nasceu, e, após umas férias merecidas, voltou à Capital, atuando, respectivamente nas Associadas e na Cultura. Sempre com agrado geral e fazendo valer o seu nome de artista íntegra. Em janeiro de 52, foram convidá-la

(Cont. na pág. 34)



Novamente juntas duas verdadeiras expressões da música popular brasileira: Ruth e Neuza Maria

Cachaça não é água, não; mas é plágio

DE QUEM FOI A MA' FE'? – NESSA HISTÓRIA TÔDA HA' UM INOCENTE – O QUE RESOLVEU A UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES

A verdade é que ninguém depositava fé na marchinha gravada pelo Colé e pela Carmen Costa e assinada por três autores pràticamente desconhecidos: Mirabeau Pinheiro, L. de Castro e Heber Lobato. Mas a pouco e pouco, sem que os compositores tivessem grande trabalho, "Cachaça" passou a se rexecutada em tudo quanto era programa de música em conserva. Assim, caiu no gôsto do público, as suas gravações passaram a ser disputadas nas lojas de discos e o povo assobiou e cantou a marchinha sem cansar.

★

Mas, quando a saltitante marchinha atingia uma posição invejável, surgiu uma verdadeira bomba ligada a ela: o compositor Marinósio Filho, que agora se encontrava *exilado* em Londrina, vivendo do jornalismo, vinha à séde da União Brasileira de Compositores, da qual há muito era sócio e deitava falação pelos jornais, acusando os autores de "Cachaça" de plagiadores. Foi um corre-corre dos diabos, muita gente opinou sôbre o caso, duvidando da palavra do Marinósio, mas êle, mostrando que estava com a razão, sacou da pasta as provas: uma edição de "A Melodia", estampando a marcha "Tenha cautela", com o sub-título "Cachaça", entre as aspas, e com a primeira parte igualzinha à atual, ou melhor, apenas com uma pequena diferença: enquanto o último verso de "Tenha cautela" dizia "Água fica no purrão", a musiquinha gravada pelo Colé afirma que "a água vem do ribeirão".



Ela, vendo cair por terra seu plano, foi-lhe chamar carinhosamente, maldizendo com certeza a «danada da cachaça»...



Êle chegou tarde e a patroa ia sentar-lhe o «sarrafo»... mas êle se esquivou e...

★

Constatado o plágio, a União Brasileira de Compositores imediatamente tratou de defender os interêsses de seu associado, já que os três autores da marcha que foi uma das campeãs dêste carnaval não pertencem a nenhuma sociedade arrecadadora de direitos. Assim, a U. B. C. deliberou que Marinósio, como legítimo autor da marcha, receberia 60 % dos direitos, enquanto que os demais (em número de três) receberiam 40 %, sendo que dêstes 40 % seriam descontadas as percentagens do editor (15 %) e da sociedade (30 %). Dessa forma, os três *autores* da marchinha ainda ficarão devendo à U. B. C., após a partilha dos direitos...

★

Apesar de considerarmos das mais justas a medida tomada pela União Brasileira de Compositores, achamos de bom alvitre ressaltar que Heber Lobato, que aparece como um dos três autores da nova versão de "Tenha cautela", não tem uma parcela de culpa no caso, já que o maior responsável é Mirabeau Pinheiro, que entrou com a primeira parte (justamente a plagiada) e o Heber colaborou apenas na segunda parte (justamente a que não foi plagiada), sendo, portanto, levado no arrastão pelos outros dois...

★

Ao terminarmos êste breve relato, cremos caber uma sugestão às sociedades de autores e às fábricas de discos: antes de serem fechados os negócios para a gravação de qualquer música para o carnaval, façam uma sindicância severa em tôrno da mesma, a fim de que se evitem os fatos lamentáveis que cercaram a marcha "Cachaça'. Para tanto, as gravadoras e as sociedades deveriam ter comissões especializadas. O caso, além disso, encerra uma lição aos autores, que doravante deverão escolher melhor os seus parceiros, para que os seus nomes não sejam manchados por escândalos semelhantes.

LUÍS BRUNINI FOI DE "BOY"...

(Cont. da pág. 26)

entretanto, já estêve na Inconfidência, quando de sua organização, e na Continental. Atualmente ainda faz umas horas na Roquete Pinto, onde também é elemento de destaque.

— Brunini, a Globo abandonou de todo a idéia do rádio-teatro?

— Não, absolutamente! O que houve foi apenas uma espécie de saneamento?... Ainda continuamos com um "cast" composto de seis elementos: Teresa Costa, Lita Romani e Lúcia Delor, no naipe feminino; e Sérgio de Oliveira, Cid Camargo e Léo Batista, no time masculino. Agora não pensem vocês que nós só ficaremos nesses seis intérpretes. Nos nossos novos estúdios temos em mente aumentar em muito a programação rádio-teatral, agora um tanto reduzida. Estão faltando à verdade os que disseram que nós abandonamos totalmente o rádio-teatro.

— Você acredita em um aumento no nível de audiência da Globo?

— Ora, Otton, a Globo nunca foi tão ouvida como agora! Ela sempre foi respeitada pelas outras emissoras. E tenho certeza que faremos muito mais sombra às nossas co-irmãs quando inaugurarmos os 50 quilowats, os novos estúdios e uma aparelhagem técnica moderníssima. Aliás, você já me houvera perguntado se nós tencionamos fazer Televisão. E' bom que eu diga o seguinte: nós não temos canal, o que, entretanto, não será difícil de conseguir, pôsto que temos meios que nos garantem tal possibilidade. Peço licença para repetir os pontos da arrancada da Globo: 1º — Os 50 quilowats (um transmissor Standard bem respeitável); 2º — Instalações moderníssimas (estúdios estilo último tipo), auditório confortabilíssimo e escritórios modernos) — convém dizer que tudo isto em predio próprio; 3º — Ondas curtas; e 4º — Televisão.

Como vemos, está tinindo a direção da Globo para a reconquista de um lugar que merecidamente lhe pertence. Com o transmissor nas mãos, Brunini agora já está com olhos grandes na Tv.; para tanto, há dois anos, perde horas inteiras debruçado sôbre compêndios especializados.

Aventamos, já que estávamos à vontade, a possibilidade de a Globo, na sua grande arrancada, contratar alguns antigos cartazes do rádio brasileiro. Brunini, com sua modéstia característica, nos respondeu:

— Sim, temos intenções de organizar um grande "cast", mas primeiramente trataremos da regularização financeira da rádio. Ainda que pareça incrível, não existia entre a Globo e o vespertino que lhe empresta o nome um entrosamento perfeito, o que, felizmente, não acontece agora, pôsto que as atividades estão quase que conjugadas. Já se foi o tempo de nós gastarmos dinheiro sem medir as conseqüências. Quando cheguei nesta emissora encontrei muita coisa errada, que levei muito tempo para consertar. Agora, depois de tudo, quando as finanças estiverem correndo perfeitamente, então a novíssima Rádio Globo começará a arrebanhar os ídolos do público para suas hostes.

— Brunini, a atual programação está sendo compensadora?

— Sem dúvida alguma. A carteira de publicidade está bem cheia, tanto até que resolvemos racionar a propaganda. Estamos irradiando sòmente 5 textos e um "jingle" por intervalo. Olha que não estamos atrás de muita emissora completa...

Não duvidamos da assertiva meio irônica do Brunini e voltamos à carga, mais moderados:

— Qual o fato mais palpitante de sua atuação na Globo?

— A minha luta pela instalação do transmissor de 50 quilowats. Depois de muito lutar, consegui remover tôdas as dificuldades que me foram interpostas. Mas, felizmente, (e terminou com um sorriso): a Globo já tem o seu Big Standard.

Agora, um esclarecimento para todos os fãs de Raul Brunini. Não foi Raul que iniciou Luís no rádio. Deu-se apenasmente o contrario. Ao tempo em que Luís Brunini era operador da Rádio Clube de Rio Claro, Raul, mais velho, estudava e, por conseguinte, não trabalhava. Certo dia, Luís foi notificado de que a F-2 estava necessitando de locutores. Incontinenti, levou o irmão à presença do sr. Cartolano, que não fêz pouco no apresentado de Luís, e, imediatamente, o colocou no microfone. A princípio, Raul Brunini era um péssimo locutor. Dava até pena. Mas, após um mês de dureza e de textos puxados, êle se revelou aquêle locutor que chegou até nós através de um concurso em que se inscreveram quinhentos candidatos e no qual êle foi o laureado.

Eis aí, leitores, a pequena história de um dos anônimos do rádio brasileiro, a história dêsse boa praça chamado Luís Brunini.

FRANCIS...

(Cont. da pág. 12)

Devido a uma série de erros em que incorrem os condiscipulos, chega ao conhecimento das autoridades da casa que um dos três é casado, o que viola as estritas regras da Academia. O coronel chama Peter a seu escritório para que o informe a respeito, ao que se nega terminantemente. Imediatamente é expulso.

Cynthia, induzida pela paixão que sente, por Peter, averigua o que existe de certo na história, descobrindo que é originada pela falsa interpretação de um telegrama no qual se comunica a Van Allen que sua irmã tinha tido um filho. Assim o diz — provando-o de maneira a não deixar dúvidas — para seu enérgico pai.

Ainda haveriam de surgir mais problemas. Norton está acusado de pôr pouco entusiasmo na defesa do prestigio da equipe, criando-lhe uma situação sumamente desagradável, o que o releva a segundo plano. Na ocasião de celebrar-se a tradicional partida entre o Exército e a Marinha, êle figura na qualidade de suplente. Tudo torna-se favorável aos marinheiros; Peter e Francis ouvem pelo rádio a marcha da partida e estão tomados de maior desespêro. Imediatamente Francis começa a falar e expõe a necessidade de que o Exército inclua Norton imediatamente, o que decidirá a luta ràpidamente. Peter se apressa a comunicá-lo a Chad; Norton sai para o campo e, com efeito, não tarda a produzir-se o empate, ao que segue a vitória.

Animada pela alegria que se reflete no rosto do comandante de West Point, Cynthia consegue que se ofereça uma nova oportunidade para Peter, que volta a vestir o uniforme e se dedica afanosamente à sua carreira e ao amor.

MAIS UM...

(Cont. da pág. 23)

que, durante a semana, enche os lares cariocas com criancinhas robustas e felizes. Êste podemos considerar um médico íntegro. Temos certeza que quando é pronunciado o nome de Paulo Roberto perto de alguns charlatães da medicina, êles coram e pedem para mudar de assunto, pôsto que um nome tão honrado, e que tem altanado grandes realizações, só pode causar-lhes um mal estar constante. Na Rádio Nacional, o dr. José Marques é o conselheiro eterno dos mais novos, pois tem grande experiência da vida. Diversas vêzes temos notado a solicitude de Paulo. Nunca tive o prazer de lhe ser apresentado, mas sinto a vontade que êle tem de conhecer todo mundo, certa vez que estava sorvendo um cafèzinho no bar da Nacional. Êle olha para a pessoa, desconhecida que seja, à espera de um cumprimento, de um meneio de cabeça que seja. Alto, com quase dois metros de altura, com uma cabeleira alva, Paulo irradia uma simpatia que contagia mesmo à longa distância. O Brasil inteiro já o conhece. Recentemente leu, no seu «Nada além de dois minutos», o movimento da correspondência recebida pela PRE-8, e o mesmo acusou a sua situação na liderança da correspondência masculina. Prova inegável que o seu dominical é o mais ouvido da «terceira emissora do mundo», isso certamente devido ao estilo furta côr do «Nada além de dois minutos».

★

Deixemos agora que Paulo Roberto nos conte um pouco de sua vida:

— Antes de entrar para o rádio, eu exercia minha profissão de médico no interior e trabalhava para a Central do Brasil no trecho em construção, da linha que ligaria Montes Claros, em Minas Gerais, a uma localidade baiana. Lá mesmo, naquela zona, onde o revólver era completamente indispensável da indumentária (!), fiz uma seçãozinha de rádio num jornal. Um dia apareceram por aquelas bandas Ademar Casé e Almirante, que me trouxeram para o Rio com os vencimentos de oitocentos cruzeiros para trabalhar no sem fio. Vim. Aqui realizei, entre outras coisas na veterana Cruzeiro do Sul, o «Teatro Mistério», que focalizava casos detectivescos. Era eu o personagem central. Com Lídia Matos — hoje senhora Urbano Lóis — Zezi Pimentel e Sílvia Regina, apresentei a série «A vida de casado é boa», tendo ainda na D-2 escrito «Coisinhas que incomodam...», crônicas lidas por Ari Barroso. Outro trabalho meu foi o programa «Bandeiras da Liberdade», dedicado aos países europeus dominados pelos nazistas. Êsse trabalho valeu-me uma condecoração do Rei Haakon, da Noruega. Guardo-a com carinho e orgulho. Continuando em minha atividade radiofônica, fui dar à Nacional, para onde escrevo «Obrigado, doutor!», «Honra ao Mérito», «Gente que brilha» e o «Nada além de dois minutos». Não vivo, como você deve saber, exclusivamente do rádio, para o qual produzo nas horas que me sobram. Como médico dediquei-me à ginecologia, empregando minhas atividades numa das maternidades da Prefeitura do Distrito Federal.



Sempre que seus compromissos radiofônicos e médicos o permitem, Paulo Roberto voa até São Lourenço, aprazível cidade mineira, onde estão seus familiares. Lá êle abre um parêntesis especialmente para os que lhe são mais caros. Quem chega a S. Lourenço não é o dr. José Marques-Paulo Roberto, é o homem do povo que vai em busca de um pouco de sossêgo e de recuperação, pôsto que sua atividade no Rio é intensíssima. Depois, retorna ao bulício da Sebastianópolis e, conseqüentemente, ressuscitam o atarefado médico e o não menos atarefado produtor radiofônico.

★

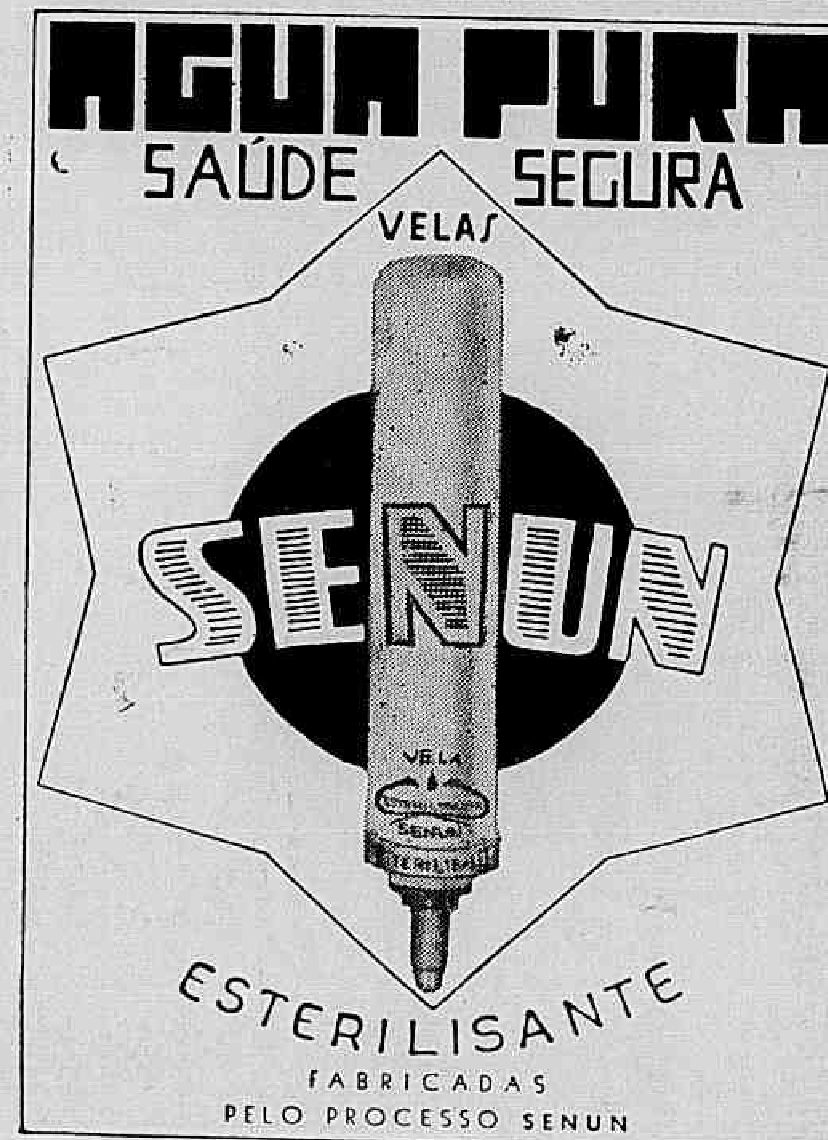
Essa é a nossa homenagem a êsse incansável batalhador pelo bem estar humano. A nossa prova de estima a êsse radialista que soube se impor à preferência das radiouvintes fazendo um rádio sadio e sintonizável em qualquer lar dêste imenso Brasil. Nessa reportagem de «Nada além de dois minutos», leitor, mostrei uma «Gente que brilha», dedicando-lhe, merecidamente, uma «Honra ao Mérito». Por tôda a alegria e o bem que você, Paulo Roberto-dr. José Marques, nos tem proporcionado, só posso lhe dizer:

Obrigado, Doutor!

BILHETES DE SÃO PAULO

(Cont. da pág. 10)

tica neste 1953. Desta forma, se confirma em parte o desejo de Severiano de inundar o mercado com pequenos filmes, comédias e musicais. Confirma-se também parcialmente os rumores que Luís de Barros tinha sido convidado por Severiano para fazer seis dêstes doze filmes.



CLÓVIS — E a menina... como passou a noite?
TIO JUCA — Bem... dormiu bem. Veja... está acordando...
CLÓVIS (Sorri) — Parece uma boneca, hein?
TIO JUCA — Eu já pensei isso ontem... Parece uma boneca. Pena que esteja tão pálida, coitadinha... (Sorriso enlevado) — Estávamos falando de você, meu bem...
MARIA (Acordou) — De mim?
CLÓVIS — Como vai, Maria Angélica?... Dormiu bem?
MARIA — Oh, é você, Clóvis?... Estava sentindo a sua falta.
CLÓVIS — Fui à cidade comprar remédios. Agora você vai ficar boa em pouco tempo.
TIO JUCA — Vai, sim, Então, Clóvis?... Não vai trazer leite quente pra gente?... A menina deve estar com fome...
CLÓVIS — Vou trazer, sim. A mamãe está preparando.
TIO JUCA — Pois é. Leite quente... biscoitinhos fritos... e não se esqueça de trazer fumo e palha para mim.
CLÓVIS (Sorri) — Hum... vejam só!... Èste velho, depois que virou enfermeiro, está cheio de coisas!
TIO JUCA — Vamos logo, seu!... A menina está esperando.
CLÓVIS — Está bem. Já vou.
MARIA (Sorriso leve) — Bonzinho o Clóvis, não é? (Pausinha — Vai pegar) — Tio Juca... o senhor passou a noite tôda sem dormir? Não dormiu nem um pouquinho?
TIO JUCA (Auto-suficiente) — Não, claro que não!... Fiquei olhando você!
MARIA — Tio Juca!
TIO JUCA — Bem... as vêzes, cochilava um bocadinho, não é?
MARIA — Cochilava?... Pois eu acordei de noite e vi o senhor dormindo...
TIO JUCA — Viu?... Ora! (Cede) — E'... acho que dormi mesmo... mas não foi muito não! Está zangada comigo?
MARIA — Não... estou brincando...
TIO JUCA (Lembra-se) — Interessante... agora é que estou me lembrando. Tive um sonho muito bonito esta noite!
MARIA — O que é?... Me conte.
TIO JUCA — Sonhei que estava dormindo... quando entrou uma pessoa aqui no quarto. Pelejei para ver se reconhecia, mas não houve meio. Nunca tinha visto u'a moça tão bonita!... Cabelos compridos... rosto muito claro... e o os olhos... os olhos da côr do céu. Eu quis perguntar quem era, pelejei para falar com ela, mas não tinha jeito... a voz não saía. Esquisito, não é?
MARIA (Mística) — Não foi sonho não, Tio Juca. Ela estêve aqui... e conversou comigo.
TIO JUCA — Com você?
MARIA — Sim. O senhor sonhou com ela... e eu a vi.
TIO JUCA (Enlevado) — Verdade, Maria Angélica?
MARIA — E' verdade. Eu contei a ela que o senhor tinha muita vontade de vê-la...
TIO JUCA — Então... foi por isso que eu sonhei... (Feliz) — Oh, minha filha... estou tão contente!... Que felicidade!... Que grande felicidade para mim!... Mas a minha alegria não pode ser completa. (Triste) — Você está doente... está muito doente... e só Deus sabe o que vai acontecer!...

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XXVII

Maria Angélica definhava. Seu organismo frágil não pudera resistir à investida da enfermidade, e ela caminhava para a morte. O sr. Teófilo e d. Hortênsia tudo faziam para minorar-lhe o sofrimento, cercando-a de carinhos e cuidados, e o velho Tio Juca não se afastava um momento sequer do seu quarto. Naquela noite, vencido pelo cansaço, adormeceu e não se apercebeu da presença de alguém que viera visitar a menina. Era a bela senhora das rosas, de quem Maria Angélica tanto gostava...

....

MARIA (Fraca — Beicinho) — A senhora imagine... o Tio Juca me prometeu que não ia dormir. Agora...
SENHORA — Deixe-o dormir, Maria Angélica. Está cansado... Èle gosta muito de você, não é?
MARIA — Gosta, sim. E' muito bonzinho... Eu não queria que êle dormisse, sabe por que?
SENHORA — Não.
MARIA — E' porque êle mesmo me disse que tinha muita vontade de ver a senhora. Agora êle podia ver... a senhora está aqui...
SENHORA — Ainda não, minha filha. Já lhe disse que êle me verá, sim. . mas não hoje. Não fique magoada com o Tio Juca. Depois do seu pai, é quem mais gosta de você.
MARIA — E o papai?... Será que êle já voltou para casa?
SENHORA — Ainda não. Mas não vai demorar.
MARIA — E a Glorinha... a d. Raimunda... o padre Luís?
SENHORA — Todos estão com muita saudade de você. Mesmo a sua mãe.
MARIA (Estranha) — A mamãe?
SENHORA — E'. Tem sentido muito a sua falta.
MARIA — Ela não gostava de mim!... Me maltratava... me fechou naquele quarto frio!
SENHORA — Maria Angélica... Deus, quando fêz os homens. deu a todos liberdade de sentir e pensar. Colocou-os numa encruzilhada, de onde partiam dois caminhos: o do bem e o do mal. Èles poderiam escolher o que mais lhes conviesse. No entanto, se algum trilhasse o caminho do mal e mais adiante se arrependesse, poderia voltar e retomar a outra estrada, porque Deus lhe daria o perdão do arrependimento. Foi o que aconteceu com a sua mãe, minha filha. Ela errou, praticou injustiças, mas agora se convenceu do seu êrro e desejou voltar. Você deve perdoar a sua mãe. Ela está sofrendo muito por sua causa.
MARIA — Eu nunca tive raiva dela não, senhora. Eu às vêzes até ficava com inveja da Glorinha, porque quando íamos para a escola, a

mamãe lhe dava um beijo e a abraçava... (Triste) e a mim... ela não dava nada!... Eu ficava triste, sabe?... Tinha vontade de receber um beijo da mamãe... mas ficava com mêdo de pedir...

SENHORA — Pois agora você vai se esquecer disso e se lembrar apenas de que não deve guardar ressentimento dela.

MARIA (Sustinho) — Já vai embora?

SENHORA — Eu voltarei. Sempre que precisar de mim, eu estarei perto de você.

MARIA — Não demore muito não. Eu fico com tanta saudade da Senhora!

SENHORA (Sorri) — Durma, minha filha. Você deve repousar. Feche os olhos... assim...

MARIA — Ah... como é bom dormir com a senhora me cerrando os olhos!... Parece um sonho... Nem precisava acordar mais... nunca mais...

....

TIO JUCA (Acordando sobressaltado) — Ahn?... o que é? Oh... eu não queria dormir... Mas o sono chegou... e quando eu vi... (Lembra-se) — E ela? (Alivia-se) — Ah... está dormindo. Coitadinha... mais parece um anjo!... Tem um sorriso doce nos lábios... Deve estar sonhando com as coisas lá do céu... (Sorriso enlevado) — Como é que pode existir uma coisinha tão bonita! (Triste) — Se não estivesse tão pálida, a gente podia dizer que é uma boneca dormindo... Mas perdeu muito sangue... está com os olhinhos fundos... (Suspiro) — Deus permita que ela sare. Vou ficar muito triste se ela... Não. A gente não deve pensar nisso. Deus é muito bom... não vai deixar a coitadinha morrer...

....

MALVINA (Apreensiva) — Quem estará batendo a esta hora, seá Raimunda?

RAIMUNDA — Não sei... Convém abrir?

MALVINA — Que é que a senhora acha?

RAIMUNDA — Bem... se fôr ladrão, aqui não tem nada para roubar...

MALVINA — Seá Raimunda... será a Maria Angélica?

RAIMUNDA — Ou alguém que vem trazer notícias dela!?

MALVINA (Resolução) — Eu vou abrir.

RAIMUNDA — Então eu vou com a senhora. A gente não sabe quem é.

....

MALVINA (Surprêsa) — Mendes!...

RAIMUNDA (Alegria) — Oh, o seu Mendes!...

MENDES (Ansioso) — Malvina... estou de volta! Deixe-me abraçá-la...

MALVINA (Comovida) — Oh, Mendes... porque demorou tanto?... Onde estêve? Senti muita falta de você...

RAIMUNDA — Sim senhor, hei?... Saiu sem falar nada com ninguém... e de repente volta.

MENDES — Como vai, d. Raimunda?

RAIMUNDA — Bem, e o senhor?... (Observando-o) — Hum... melhorou... está mais corado... mais bem disposto... e até de roupa nova!... Veja, d. Malvina... nem parece o mesmo!

MENDES — De fato, não sou o mesmo, d. Raimunda. Sou outro homem. Amanhã já poderei andar na rua de cabeça erguida, porque vou pagar tôdas as minhas dívidas. Vejam!

RAIMUNDA (Surprêsa) — Virgem Maria! Quanto dinheiro!

MALVINA — Que aconteceu com você, Mendes?... Que fêz êsse tempo todo?

MENDES — Depois eu contarei. E' uma longa história.

RAIMUNDA — Deixe eu fechar a porta. Está um frio medonho!

....

MALVINA — Mendes... por que não mandou notícias?... Estávamos muito preocupados...

MENDES — Ora, eu... (Ansioso) — Malvina... e os nossos filhos?... Como estão?... O Jorge continua na escola?... e a Glorinha... está na mesma?... (Emoção) — E a Maria Angélica? Devem estar dormindo... mas eu quero vê-los... todos! (Sorri e pára — Pausa — Viu o embaraço delas) — Ahn?... Que aconteceu? Por que está assim Malvina?... Que há, d. Raimunda?

....

MENDES (Pausinha — Ansioso) — Falem!... Que aconteceu?

MALVINA (Embaraçada, aflita) — Mendes... tenho uma notícia muito triste para você.

MENDES — Hein?... (Choque) — A Glorinha?

MALVINA— Não. A Maria Angélica...

MENDES (Paralisado) — Maria Angélica?... Hein, Malvina? (Cresce) — Fale, pelo amor de Deus!... Que aconteceu com ela?

RAIMUNDA (Trêmula) — Seu Mendes... a menina não está em casa. Fugiu no mesmo dia em que o senhor foi embora!

MENDES — Fugiu?... Como?

MALVINA — Ela fugiu, Mendes. Desapareceu... e até hoje não tivemos notícias dela.

MENDES — Oh! (Angústia) — E por que deixaram?... Que estavam fazendo? Não havia ninguém em casa?

RAIMUNDA — Ninguém sabia que ela ia fazer isso, seu Mendes. Quando a gente deu fé, ela já tinha fugido.

MENDES — Meu Deus, meu Deus!... E agora? Que vamos fazer... Tanto que eu sonhei com êste dia... chegar em casa e abraçar os meus filhos... (Sombrio, ameaça) — Malvina... que foi que você fêz com a Maria Angélica?

MALVINA (Mêdo) — Mendes!

MENDES — Que foi que você fêz com ela?.. Responda!

RAIMUNDA (Aflita) — Seu Mendes... ela não fêz nada não! A menina fugiu... a gente não sabe por que!

MENDES — Vamos dormir. Estou muito cansado. Amanhã conversaremos.

....

CLÓVIS (Chamando baixo) — Tio Juca... Tio Juca...

TIO JUCA (Estava cochilando) — Ahn?... hein?

CLÓVIS — Acorde, seu dorminhoco!

TIO JUCA (Acordou) — Oh, gente... será que eu dormi outra vez? E'... já amanheceu...

SINTONISANDO

"Rádio-teatro Berliet Júnior", dia 28, sábado, às 15 horas, Roquete Pinto. — Sentimos uma grande melhoria no ouvido programa dos sábados da D-5. Os rádio-atores que nêle atuaram, dando desenvolvimento à rádio-peça "O inspetor geral", parecem melhor ensaiados e ter mais conhecimento de suas atribuições, quais sejam as de inflexionarem acórdes com o ensaiador Ildelindo Carvalho, a quem está designada a orientação do "Rádio-teatro Berliet Júnior". A sonoplastia também, agora entregue à simpática Maria Neide, pois antes era feita por Alberto Madeira, vem agradando inteiramente, pois ela demonstrou seu apurado gôsto musical, emoldurando com melodias meio gaiatas os lances humorísticos de "O inspetor geral". **Gostamos.**

★

"Romance de um fracassado", dia 28, sábado, às 10,30 horas, Rádio Nacional. — Não sabemos porque, mas existem dias em que a equipe da E-8 está infeliz. Todos a consideram a maior, podem ter razão, mas às vêzes tal cognome morre quando um rádio-ator inflexiona de mal jeito. Foi o que aconteceu no capítulo que ouvimos de "Romance de um fracassado". Pode ser que a novela melhore com sua continuidade, mas por enquanto está um tanto fraca em geral, tanto no "script" como na interpretação. André Villon, como sempre, apesar de possuir um grande material de voz, superou a todos, pois cantou mais do que o falecido Chico Alves. **Não gostamos.**

★

"Mosáicos brasileiros", dia 27, sexta-feira, 21,45 horas, Rádio Vera Cruz. — Os mentores da Vera Cruz parece que estão dispostos a arranjar um lugarzinho ao sol para o seu veterano prefixo. De uns tempos para cá, isto é, após a entrada de Henrique Batista, a E-2 vem procurando apresentar programas mais atraentes para seus minguados rádiouvintes. Sexta-feira transata tivemos a oportunidade de ouvir a primeira audição de "Mosáicos brasileiros", produzido por Washington Fernandes e que, ao que nos parece, pintou que será, doravante, um dos mais ouvidos daquela emissora, isso devido ao seu estilo de variedades. Achamos bem interessante o título do programa, e gostamos muitíssimo do mosáico histórico, bem desenvolvido, e do mosáico romântico, no qual se sobressaiu a rádio-atriz Wanda Iára. Estiveram bem em seus papéis, pequenos sejamos justos, os rádio-atores Hélio Marinho e Ivan Silva. Sonoplastia bem intencionada e locução comercial bem comedida. **Promete.**

"São coisas da vida", dia 27, sexta-feira, às 21,05 horas, Rádio Mayrink Veiga. — São sempre saborosas as crônicas que Antônio Maria produz para o "São coisas da vida". Fatos pitorescos são narrados de u'a maneira tôda pessoal pelo seguro Luís Jatobá, fatos que nos fazem sentir durante um tempo pequeníssimo a distância que separa o bonachão Antônio Maria da linguagem rebuscada e anti-radiofônica. Grande idéia tiveram os programadores mairinquianos em forçar o Antonico a largar seu verbo diàriamente naquele horário. Não podemos negar que o "São coisas da vida", já tenha seus fregueses certos. Quem não gosta de ouvir uma crônica saborosa narrada por Luís Jatoba? Nós pelo menos, **gostamos.**

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... **Nº** ......

CIDADE .... **ESTADO** ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Rádio Social

TIA LAURA

Vocês, meus sobrinhos, por certo não desconhecem aquela simpática Maria Helena, locutora da Mayrink — aliás, a maior, empatada com a doce Silvana, da Nacional. Ela é casada e muito feliz. Possui uns rebentos que são uns amôres, dos quais já ganhou o ano passado um netinho. Agora, um novo romance surge no dia-a-dia da locutora da A-9. Mas, não se assustem. O caso não é pròpriamente com ela. Sua filhinha, um dêsses "brotinhos" que atraem qualquer radialista sério, está de namôro fechado com um músico da Orquestra de Peruzzi. Diàriamente quase, enquanto a mamãe lê uns textos e a programação não pede a colaboração da orquestra, os dois passeiam pelas antiquadas ruas Mayrink Veiga, Acre e adjacências, trocando juras de amor eternas, numa linguagem que só o meu sobrinhozinho Cupido entende. Quando presenciei o doce namôro, fiquei completamente satisfeita, pois a Maria Helena, sua graciosa filhinha e o seu eleito merecem uma felicidade que os torne unidos para sempre. Parabéns, Maria Helena, pela acertada escolha de sua filhinha.

★

De uns tempos para cá tenho notado uma certa aliança entre o Paulo de Oliveira e a Dircinha Batista. Será que os dois assumiram algum compromisso sério, ou o dito cujo será, apenasmente, artístico? Se houvesse algo sério entre os dois, não seria nada demais, livres que os mesmos são. Eu, muito curiosa, quis apenas registrar o fato... Será que eu apliquei o verbo ser de acôrdo?...

★

O casamento — alguns sobrinhos poderão me contrariar — é uma das coisas mais necessárias aos radialistas solteiros. Um exemplo muito forte é o do Milton Rangel, simpático locutor-rádio-ator da Nacional. Antes de se unir à senhora Ecila Barbosa Rangel, êle não era o Milton bem disposto de hoje em dia. Vivia aquela vida chata de solteiro e seu aspecto físico era bem triste. Agora não, casou e mudou completamente de aparência e já grita mais um pouquinho no "Nada além de dois minutos", aos domingos. Para melhorar a nossa opinião sôbre o casamento, disseram-nos que o Milton já está recebendo constantes avisos da cegonha, anunciando sua próxima aterrissagem. Casem, sobrinhos do coração, pois casar é tão bom!...

★

Neuza Tavares e Wanda Iara, que viviam às turras devido a um "não sei o que", já voltaram às boas "falas". O novo pacto de amizade foi assinado no "Baile do Rádio". Serviram de intermediários os rádio-atores Gualter de França, Brandão Reis, Darcy Pedrosa e Batista Rodrigues. Não sei se foi o calor reinante que realizou tal milagre...

Não chore!



POLVILHO ANTISSÉPTICO



acaba com as Brotoejas



João FRE

O FIACRE N.º 13

(Cont. da pág. 14)

O processo Maroy está em seu término. Tôdas as provas são contra Pedro Maroy, e o depoimento do poderoso senador Jorge La Tour Vaudieu vem ainda mais agravar sua posição. E' condenado à morte, mas sua pena é depois comutada pelo Imperador para prisão perpétua.

Apesar de decorridos tantos anos, Berta Maroy e sua filha Matilde, não desanimam, tentando provar a inocência do espôso e pai mediante uma revisão do processo. Fazem já quatro dias que o jovem André Loriot, que prometera ajudá-las, não dá notícias de si. Nêsse interim, cuidam elas de desmemoriada Joana, sua conhecida quando residiam em Charenton. Surge, pouco depois, André Loriot e é apresentado à Joana, cuja fisionomia o impressiona fortemente. Em conversa com os Maroy, é sabedor de diversas ocorrências verificadas no dia do duelo em que sucumbiu Felipe. Enquanto isto, numa recepção do Imperador, o poderoso senador La Tour Vaudieu volta a encontrar-se com Claudia, de regresso à França com uma filha, para cuja festa de aniversário é êle convidado.

Investigando, André Loriot consegue localizar Jean Jeudi, que não morrera e que ainda se dedica à gatunagem. Ao assaltar, sem saber, a própria residência de Claudia, defronta-se êle com sua antiga conhecida, que, temerosa, faz com que a polícia o solte. Mas Loriot está atento e força Jean Jeudi a falar. O marôto conta-lhe os acontecimentos da noite sinistra e, espantado, André vem então a saber ser êle filho do falecido conde Felipe La Tour Vaudieu, pois fôra criado pelo cocheiro do fiacre n.º 13. Emocionado, Jean Jeudi compromete-se a ajudá-lo com a sua malta de patifes. Já que quase tôda a polícia é controlada pelo senador. Todavia, Thefer, a alma danada de Jorge La Tour Vaudieu, suspeitando de André e sabedor de que Joana está em tratamento psiquiátrico, vai à casa das Maroy e, sob a alegação de ter ido a mando de André, consegue que tanto Joana como Matilde embarquem na sua carruagem. Leva-as a uma região erma e, encerrando-as num casebre, incendeia-o. Disto vem a ser informado Loriot, que acorre e as salva a tempo. Com a emoção do novo incêndio, Joana recupera a memória. Mas Thefer tenta outro golpe, desta vez contra o próprio André, e Jean Jeudi, ambos refugiados na zona do **bas-fond**, onde são protegidos pela canalha. O quarteirão é cercado e, durante uma luta terrível entre esbirros e delinqüentes, André Loriot é Jean Jeudi conseguem fugir.

Na residência de Claudia festeja-se o aniversário da filha. Informam ao senador La Tour Vaudieu, presente à recepção, que dois homens desejam falar-lhe. Ao entrar na saleta, depara com Loriot e Jean Jeudi, que depois se retiram à procura de Claudia. Ouve-se um disparo. Os convidados param de dançar e Claudia acorre. La Tour Vaudieu suicidara-se. E Claudia, silenciosa e conformada, é levada para a prisão.

Numa modesta casa, estão reunidos alegres convivas. "Pai Loriot" é convidado a fazer um brinde.

— Estou emocionado... — articula a custo o rude cocheiro. — Não sei o que dizer... mas a verdade é que tive mêdo de ficar sòzinho, sem André. Perder um filho na minha idade é como perder o sono para sempre. Mas ao vê-los todos assim reunidos... André é um ótimo rapaz e todos nos orgulhamos dêle! Bem que merece ser feliz e isto, Srta. Matilde, diz-lhe respeito. — E, virando-se para um dos presentes, termina:

— Sr. Maroy, bebo ao seu regresso e ao futuro de nossos dois filhos! Viva os noivos!

A MULHER QUE NÃO PECOU...

(Cont. da pág. 9)

intacta do teatro para o cinema lhe confere um estilo diferente a que se acompanha com bastante interêsse.

Joan Fontaine e John Lund fazem um casal que se separou de seus filhos por mais de cinco anos, deixando-os aos cuidados de uma governanta. De regresso ao lar, os pais verificam com desapontamento que se tornaram estranhos para as crianças. Influenciados por uma representação teatral a que, por descuido, tiveram que assistir, os meninos se inbuem do que se chama "o lado mau da vida" e será por êsse prisma aprendido no palco que êles irão julgar tôdas as ações de seus pais. Joan Fontaine continua sendo uma grande atriz, mesmo em papéis que não exigem tanto de seu talento como o dêsse filme. Entretanto, os donos de "A Mulher que não pecou" são os meninos que nele tomam parte, entre os quais Mona Freeman, que sabemos já ser uma jovem de vinte e poucos anos, mas aqui se comporta perfeitamente como uma garota de doze para treze.

Num pequeno papel aparece a veterana Gertrude Michel que há pouco vimos noutra ponta de muito relêvo em "O Último Baluarte".

Boa comédia essa de Mitchell Leisen.

"MACLOVIA"

(Cont. da pág. 9)

Eis o que vimos em "Maclovia". Um filme com a presença da poesia, mas de uma poesia primitiva que ainda não se poluiu com o contato de um prosaico como o em que vivemos.

Maria Felix, Pedro Armendariz, Columba Rodrigues e Luiz Carlos Montezuma estão excelentes em seus papéis. Entretanto, como interpretação artística, a maior figura do elenco é mesmo o ator que encarna o velho professor da ilha de Janitzio.

"Maclovia" é filme para ser visto por todos que amam o cinema.

O GUARANI

(Cont. da pág. 8)

Quanto à parte musical, nada há de efeitos especiais, a não ser a apresentação da protofonia da ópera que serve de título ao filme. Esqueceram de incluir o Hino Acadêmico que é uma das mais belas páginas da musicografia brasileira e já que a finalidade do filme era mostrar os trechos mais aplaudidos do grande músico, não fazia mal que a "Alvorada" de "O Escravo" tivesse sido também incluída.

Em síntese, "O Guaraní" vale muito mais pelos sentimentos que tocam de perto ao nosso patriotismo que pelo valor intrínseco que por ventura tenha como obra cinematográfica.

"SINHÁ MOÇA"

(Cont. da pág. 6)

que, enquanto êle apregoava a liberdade para os escravos, mensageiros da côrte traziam o decreto imperial da Abolição.

A CENOGRAFIA

Para a filmagem de "Sinhá Moça", Tom Payne, Oswaldo Sampaio, os diretores e João Maria dos Santos, o cenógrafo, procederam a rigorosa documentação histórica. João Maria dos Santos desenhou ambientes coloniais, uma casa grande, uma senzala inteira, enquanto que Sofia Magno de Carvalho criou o guarda-roupa de época. Foi construida uma ferrovia e uma composição inteira de "trem de ferro", enquanto que a cidade de Santa Rita do Passa Quatro, existente no estúdio, foi completamente remodelada e transformada, para surgir em seu lugar Araruna, uma vila do século passado, com sua praça, igreja, ruas e casas.

A REVELAÇÃO DE...

(Cont. da dág. 28)

para se transferir em boas condições para a Rádio Nacional. Ruth recebeu tal convite muito alegremente, e não mentiu em dizer que foi o melhor presente que recebeu no ano de 52. Incontinenti, ajeitou a situação, deu a boa nova ao marido, e ,juntos, rumaram os dois para a Cidade Maravilhosa, onde a espôsa faria a tão cobiçada Rádio Nacional, a terceira emissora do mundo. Sua estréia foi assinalada a 1.º de março, quando teve oportunidade de ser apresentada no "Nada além de dois minutos", do bonachão Paulo Roberto; detalhe que considera até hoje como um dos grandes acontecimentos de sua vida artística.

★

Cantando de maneira bastante agradável, era impossível Ruth Amaral ficar relegada a plano secundário no campo da fonografia, assim sendo, recebeu e aceitou, imediatamente, a proposta que lhe fêz uma de nossas gravadoras e levou à cera, o ano transato, as seguintes melodias: "Baião da Praia", "Belembemdão", "Bikini de filó" e a batucada "Vou tirar o pé do lodo". Para êste ano Ruth já tem diversas composições em estudo para ser lançadas em um dos próximos suplementos da gravadora à qual está prêsa sob ótimo contrato. Naturalmente, novos êxitos serão colhidos pela simpática morena dos cabelos negros como o pixe, quando forem postas à venda suas novas gravações.

★

Ruth guarda muito bem os fatos interessantes de sua carreira. Lembra-se, com carinho, do incentivo que lhe foi dado por êsse bondoso Mário Lago. Quando comandava na Rádio Panamericana um programa onde só se apresentavam elementos de valor positivo e que para isso eram submetidos a inúmeros testes, selecionou-a, fazendo-a acreditar mais e mais nas suas possibilidades de um dia vir a ser uma estrêla de primeira linha. E realmente foi o que aconteceu. Hoje ela está atuando na mesma emissora em que Mário Lago brilha com B maiúsculo.

★

Possuidora de uma simpatia irradiante em demasia, Ruth Amaral cada vez mais aumenta a sua já bem invejável legião de fãs. Bem merece a atenção do público, essa paulistinha que sabe cantar e encantar os ouvintes com seguras interpretações dos buliçosos sucessos de nossa música popular.

GINGER ROGERS CASOU-SE...

(Cont. da pág. 19)

nheiro de dança. A carreira da loura atriz é, talvez, uma das mais fascinantes do cinema. Iniciando-se como bailarina, não obteve êxito algum enquanto não se tornou **partner** de Astaire. Anos mais tarde, ao resolver trabalhar sòzinha e não dançar mais, ela dissolveu a dupla e arrebatou o **Oscar** de 1940 como a melhor atriz do ano, por sua notável interpretação de "Kitty Foyle"! Daí por diante, firmando-se como uma das maiores artistas de Hollywood, Ginger abandonou totalmente a dança. Inteligente como é, ela sabia que com o correr dos anos, apareceriam outras bailarinas mais jovens e mais leves, com as quais já não poderia competir... ao passo que, como atriz, o avançar dos anos não faria diferença alguma. Pelo contrário cada dia ela mais se aperfeiçoa!

— Êste ano foi proveitoso para mim, — confessa-nos Ginger. — Tive uma sorte louca com os papéis que me deram nos quatro filmes que fiz.

De fato, a carreira da veterana **estrêla** tomou, em 1952, um impulso gigantesco, sendo ela hoje disputada a pêso de ouro por todos os estúdios que precisam de uma finíssima comediante que também sabe ser grande atriz dramática. Na Fox, Ginger fêz: "Dreamboat", com Clifton Webb, "We're Not Married", com um grande elenco e "Monkey Business", com Cary Grant. Os três filmes estão batendo **records** de renda nos cinemas de todo o país, enquanto que a crítica não se cansa de elogiar as excelentes **performances** de Ginger. Quanto a "Forever Female", que ela interpreta atualmente na Paramount, com William Holden e Paul Douglas, poderá vir a ser o maior sucesso da sua vida, pois Ginger fará o dificílimo papel de uma atriz de teatro semelhante à que Bette Davis criou em "A Malvada". Contudo, apesar de encontrar o apoio da imprensa à nova ascenção da sua carreira artística, Ginger enfrenta, no momento, problemas emocionais os mais intensos, com o seu romance de amor da vida real. Julgamos que ela evitaria tocar no nome de Jacques Bergerac durante a nossa entrevista, mas, para nosso grande espanto, tal não se deu. Quando lhe perguntamos "o que mais esperava da vida", Ginger respondeu com o máximo de sinceridade:

— Apenas um bom casamento. Como sabe, tive três desastrosas experiências e um dos motivos pelos quais ainda não me casei com Jacques, é porque quero ter bem a certeza do que estou fazendo e êle próprio gostaria de ter um lugar assegurado em Hollywood, a fim de que futuramente não surgissem conflitos sôbre a minha carreira.

— Foi por isso que o ajudou com o **test** na Metro? — arriscamos.

— Em parte, sim. Por outro lado, acho que êle estava perdendo o seu tempo em Paris, exercendo a advocacia, quando tem tôdas as qualidades — **charme**, talento e beleza física — para ser um perfeito galã cinematográfico. Aliás, diga-se de passagem, a minha ajuda foi mínima — apenas a apresentação — pois os produtores da Metro ficaram logo entusiasmados com Jacques quando o viram.

— E' certo que êle quase não fala inglês? — continuamos.

— Sim, — adianta Ginger. — No momento, está tomando aulas particulares do idioma, antes de iniciar qualquer filme.

Rindo divertidamente, a **estrêla** nos conta que, por seu lado, preferia que Jacques nunca aprendesse bem o inglês, pois, com o seu parco conhecimento, êle concorda com tudo o que ela diz... E as brigas poderão justamente surgir quando êle souber manejar bem o idioma!

A opinião geral em Hollywood é de que Ginger só se casará com Jacques se êle obtiver sucesso no cinema. Sabe-se que ela detesta os homens fracassados e, o amor tão ardente que agora sente pelo seu francês, desaparecerá instantâneamente se vir que êle não tem talento para vencer na vida. Em 1931, Ginger divorciou-se do ator de **vaudeville** Jack Culpepper por essa razão; em 1941, separou-se de Lew Ayres porque a carreira dêle como ator deixava muito a desejar; em 1951, desligou-se do terceiro marido, Jack Briggs, porque embora se intitulando produtor, êle nunca chegou a realizar nada. Assim, aos 41 anos de idade, Ginger ainda não encontrou um homem como o seu coração de mulher sensível exige. Ela detesta sentir que é mais importante do que o cônjuge. Quer alguem a quem possa respeitar mais do que ao seu próprio nome. Apesar de muito jovem ainda — 25 anos — Jacques poderá vir a ser êsse alguém, pois, além das qualidades que Ginger tanto admira, possúi ainda um róseo futuro à sua frente. Enquanto isso, a **estrêla** espera confiante. Há dias, em sua luxuosa casa de Beverly Hills, Ginger ofereceu uma brilhante festa ao Conde Blackwell, em sinal de agradecimento por ter êste lhe apresentado Jacques Bergerac. Em seu camarim da Paramount, há fotografias de Jacques de todos os tamanhos. Se isto não é amor, então o nosso dicionário está errado! Não saberíamos, porém, dizer se Jacques a ama da mesma forma, mas a verdade é que, embora muitos anos mais jovem, êle deve se considerar a criatura mais feliz do mundo, porque conseguiu conquistar a **estrêla** que simboliza uma verdadeira tradição em Hollywood e cuja extraordinária personalidade elevou-a da obscuridade de dançarina de charleston, à posição de vencedora do Oscar e uma das mais extraordinárias atrizes do cinema!

*Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood*

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.209

Rádio Cena

